This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HDI
HW 7TTE %

N.º
nte 39
leira 117

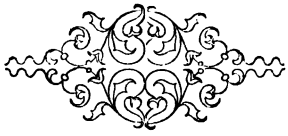
Harvard College Library

VE RI TAS

BOUGHT FROM THE
ANDREW PRESTON PEABODY
FUND

BEQUEATHED BY
CAROLINE EUSTIS PEABODY
OF CAMBRIDGE

ULTIMOS CANTOS.



ULTIMOS CANTOS

POESIAS

DE

A. Gonçalves Dias.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO
Praça da Constituição n. 64

1851.

WID-LC
PQ
9697
.D52
.U4
1851x
✓

HARVARD UNIVERSITY
WIDENER LIBRARY

21423

AO

MEU CARO E SAUDOSO AMIGO

DR. ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO LEAL

OFFERECENDO-LHE ESTE VOLUME DE POESIAS.

Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espirito infermo,— ficticias, mas nem por isso menos agudas,— produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que a espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pezada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado—percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer—eis toda a minha vida neste periodo; e estes desejos immensos, indisiveis, e nunca satisfeitos,—caprichosos como a imaginação,— vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade; — e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes,— ligados a minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados comigo,— umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um alivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz; se algumas vezes tive o maior prazer

que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar,— de as ouvir estimadas pelos homens da arte, daquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão— paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

Melhor que ninguem o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo,— a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado,— a aragem bemfazeja da tua amisade sollicita e desvelada,—a tua voz que me animava e consolava,— a tua intelligencia que me vivificava— ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos,— não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado,— não realisar a expectação da tua desinteressada amisade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que

soçobra, e atira á praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entrei na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto; se pois ainda persisto nesta carreira é por teu respeito: continuarei — até que satisfeito dos meus esforços me digas: basta! — Então, já t'o hei dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devera ter sahido, e —como um soldado desconhecido— contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando a habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, involta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Ali sim, — ali está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que esperdicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gosos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

A. Gonçalves Dias.

POESIAS AMERICANAS.

O GIGANTE DE PEDRA.

O' guerriers ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quel montagne est mon tombeau!

V. Hugo. *Le Géant.*

I.

Gigante orgulhoso de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios sómente podérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora que surge não hade acordar!

Co' os braços no peito crusados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se arrojão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos: só Deos poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso que sobre lhes 'stá.

E o céo, e as estrellas, e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre são negros bulcões.

Da noite que surge no manto fagueiro
Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flores exhalão,
Bafejão-no carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
Dos ventos que rugem, do mar em furor,

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante,—nem póde acordar!
Crusados os braços de ferro fundido,
E a fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!

II.

Banha o sol os horisontes,
Trepa os castellos dos céos,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus:
Já descahe p'ra o occidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia
Que lhe suspira ao redor;
E da noite entre os negrores
Das estrellas os fulgores
Brilhão na face do mar:

Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio
E ainda após o verão:
Crescem folhas, vingão flores,
Entre galas e verdores
Sazonão-se fructos mil;
Cobrem-se os prados de relva
Murmura o vento na selva
Azulão-se os céos de anil!

Tornão prados a despir-se,
Tornão flores a murchar,
Tornão de novo a vestir-se,
Tornão depois a seccar;
E como gota filtrada
De uma abobeda escavada
Sempre, incessante a cahir,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horisontes
O gigante de granito:
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés,
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellão aos pés!

III.

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem pode acordar!

Crusados os braços de ferro fundido,
E a fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!....

IV.

Vio primeiro os incolas
Robustos das florestas,
Batendo os arcos rigidos
Traçando homereas festas,
A' luz dos fogos rutilos,
Aos sons dos murmuré!
E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros
E o guáu cadente e vário
Dos moços prasenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das igaras concavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo mas que frageis
Os ventos contrastar:

E a caça leda e rapida
Por serras, por devesas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o tapuya misero
Seos feitos vai cantar!

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das tribus sempre amigas,
—Tamoy a raça antigua,
Feroz Tupinambá.
La vai a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias
Donde outra tribu a expelle;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá.

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,

Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez:
E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As portuguezas quinas,
Murchos os lises candidos
Do impavido gaulez!

V.

Mudarão-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastrão o antigo paul;
Mas inda o gigante que dorme na serra
Se abraça ao immenso cruseiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descança, oh gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brasil

Porém se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, oh duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!

LEITO DE FOLHAS VERDES.

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
Á voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flôr abriu-se ha pouco,
Já solta o bogarí mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céo, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor melhor que a vida!

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sól, não mais, vegeta:
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sól que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,
Não sentirão meus labios outros labios,
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
A arasoya na cinta me apertarão

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
Já solta o bogarî mais doce aroma;
Tambem meu coração, como estas flôres,
Melhor perfume ao pé da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr; nem tardo acodes
Á voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupan! lá rompe o sól! do leito inutil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

Y-JUCA-PYRAMA.

No meio das tabas de amenos verdores
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteião-se os tectos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes
Assombrão das matas a immensa extensão

São rudes, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem a voz do cantor:
São todos tymbiras, guerreiros valentes!
Seu nome la vôa na bocca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus visinhas sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspirárão dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sugeitos na paz

No centro da taba se extende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu senhora, das tribus servis:
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é?— ninguem sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz: — de um povo remoto
Descende por certo— d'um povo gentil;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavão distincto do vil mussulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahiu prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras:— no extenso terreiro
Assola-se o tecto que o teve em prisão,

Convidão-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Accerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis:
Á custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar:
A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
Brilhante induápe no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II.

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro cuja morte anceião,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Com tudo os olhos d'ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerrão queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te virão,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol e chuva,
La murcha e pende:
Sómento ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III.

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,

A quem do sacrificio cabe as honras.
Na fronte o kanitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na dextra mão sobpesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante.—Ao menor passo
Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alli as almas grandes
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão d'imigos feros.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
« Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
« As nossas matas devassaste ousado,
« Morrerás morte vil da mão de um forte. »

Vem a terreiro o misero contrario;
Do collo á cinta a musurana desce:
« Dize-nos quem és, teus feitos canta,
« Ou se mais te apraz, defende-te ». Começa
O indio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os animos commove.

IV.

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupy.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces

Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes— escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Sem seus maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinhão traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo

Cahio junto a mi!
Com placido rosto,
Sereno e composto
O interno desgosto
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
Já cego e quebrado
De penas ralado
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto
Só queria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então forasteiro
Cahi prisioneiro

De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessocego
Do pae fraco e cego,
Em quanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deos lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descançava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Em quanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não córo
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V.

Soltai-o!—diz o chefe.—Pasma a turba;
Os guerreiros murmurão: mal ouvírão,
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

—Tymbira, diz o indio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravão:
És um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pai cansado,

Que somente por seu na voz conhece.
—És livre; parte.
—E voltarei
—Debalde.
—Sim, voltarei, morto meu pai.
—Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Como seu filho chora: és livre; parte.
—Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer!
— És livre; parte!
—Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

—Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!.. parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi:— arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite.—Do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:
Talvez que o assaltava um pensamento...

Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia :—Ingrato! ingrato!
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI.

—Filho meu, onde estás?
—Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
—Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

—Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convem partir, e já!
—Que novos males
Nos resta de soffrer?—que novas dôres,
Que outro fado pior Tupan nos guarda?

—Ás setas da afflicção já se esgotárão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
—Mas tu tremes!
—Talvez do afan da caça...
—Oh filho caro!
Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!...—
E com mão tremula, incerta,
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente.....
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo:—foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!....
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
Ás mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,

D'aquelle exicio grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo affigurada.

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Elle o via; elle o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era n'um ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos indios?
— Sim.
— De que nação?
— Tymbiras.
— E a musurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça....
— Nada fiz.... aqui estou.
— Nada! —
Emmudecem;
Curto instante depois prosegue o velho:

— Tu és valente, bem o sei; confessa
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

— Nada fiz, mas souberão da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia....

— E depois?...
— Eis-me aqui:
— Fica essa taba?
— Na direcção do sol, quando transmonta.
— Longe?
— Não muito.
— Tens razão: partamos.
— E quereis ir?..
— Na direcção do occaso.

VII.

« Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes

A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis,—e mas forão
Senhores em gentileza.

« Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos ;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como o dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira :
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelão,
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pae se ufane! »

Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento:

— Nada farei do que dizes:
É teu filho imbelle e fraco!
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue:
Elle chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto.—

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII.

« Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;

Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Ser a presa de vis Aymorés.

« Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e falaz!

« Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gosar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar:

« Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flor desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor;
Suas agoas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

« Sempre o céo, como um tecto incendido,
Creste e punja teus membros maldictos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs, lhe não fallem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

« Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidoso
Arco e frecha e tacápe a teus pés!
Sê maldicto, e sosinho na terra;
Pois que a tanta vilesa chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és. »

IX.

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouvio ja tantas vezes
N'outra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentarão
De guerreiro e de pae: — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exhaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soão,
Emmaranhada a multidão braveja,

Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis—o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

—Basta! clama o chefe dos Tymbiras,
—Basta, guerreiro illustre! assás lutaste,
—E para o sacrificio é mister forças.—

O guerreiro parou, cahio nos braços
Do velho pae, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando:
« Este, sim, que é meu filho muito amado!
« E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,

« Corrão livres as lagrimas que choro,
« Estas lagrimas, sim, que não deshonrão ».

X.

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
Guardou a memoria
Do moço guerreiro, do velho tupy!
E á noite nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Dizia prudente : — « Meninos, eu vi!

« Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci :
Valente, como era, chorou sem ter pejo ;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi'.

« Eu disse comigo : Que infamia d'escravo!
Pois não, era um bravo ;
Valente e brioso como elle não vi!
E á fé que vos digo : parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupy! »

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
Guardava a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupy.
E á noite nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Tornava prudente: « Meninos eu vi! »

MARABÁ.

Eu vivo sosinha; ninguem me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá!
Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,
— Tu és, me responde,
— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar;
— Imitão as nuvens de um céo anilado,
— As cores imitão das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
« Teus olhos são garços,

« Responde anojado; mas és Marabá:
« Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
« Uns olhos fulgentes
« Bem pretos, retinctos, não côr de anajá! »

—E' alvo meu rosto da alvura dos lyrios,
—Da côr das areias batidas do mar;
—As aves mais brancas, as conchas mais puras
—Não tem mais alvura, não tem mais brilhar.—

Se ainda me escuta meus agros delirios:
« E's alva de lyrios
« Sorrindo responde; mas és marabá:
« Quero antes um rosto de jambo corado,
« Um rosto crestado
« Do sol do deserto, não flor de cajá. »

—Meu collo de leve se encurva engraçado,
—Como hastea pendente de cactos em flor;
—Mimosa, indolente, resvalo no prado,
—Como um soluçado suspiro de amor!—

« Eu amo a estatura flexivel, ligeira,
« Como uma palmeira

« Então me respondem; tu és Marabá:
« Quero antes o collo da ema orgulhosa,
« Que pisa vaidosa,
« Que as floreas campinas governa, onde está. »

—Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
—O oiro mais puro não tem seu fulgor;
—As brisas nos bosques de os ver se enamorão,
—De os ver tão formosos como um beija-flor!—

Mas elles respondem: « Teus longos cabellos,
« São loiros, são bellos,
« Mas são annelados; tu és Marabá:
« Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
« Cabellos compridos,
« Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá. »

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem n'as direi?
O ramo d'acacia na fronte de um homem
Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya
Me desprenderá:
Eu vivo sosinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

CANÇÃO DO TAMOYO.

(Natalicia).

I.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II.

Um dia vivemos!
E o homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;

No arco que enteza
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os timidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutão-lhe a voz!

IV.

Domina, se vive;
Se morre, descança
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte hade vir!

V.

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste ;
Tamoyo nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoyos
Na guerra e na paz

VI.

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil commoção ;
E tremão d'ouvil-o
Peor que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII.

E a mãe nessas tabas
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror ;

Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII.

Porêm se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz!
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX.

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extenção;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X.

As armas ensaia,
Penetra na vida :
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

A MANGUEIRA.

Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira,
E a doce fruta amarella,
Sorrindo entre as folhas della,
E a leve copa altaneira?
Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
Á beira do casto ninho:
Nos seos alegres verdores
Se embalança o passarinho!

O cansado viandante
Á sombra della acha abrigo;
Traz-lhe a aragem sussurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeos d'um amigo;
E o cançado viandante
A' sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma;
Seja dôr que o peito inflamma,
Ou voraz, nociva chamma
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado
Para ella se encaminha;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o praso dado,
Quando ao tronco se avisinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelação,
E d'uma hora aventurosa

Guarda a prova a casca annosa
Nas cifras que ali se abração:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teos cantores,
Admirar teos verdores;
Presta-me abrigo tambem,
Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem.

A MÃE D'AGUA.

« Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agoa se vê!
São d'ouro os longos cabellos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é!

« Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella?
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
E' como a nuvem rosada
Que no romper da alvorada
Passa risonha no céo.

« Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim!...
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ella se ri para mim!

« São seus labios entre-abertos
Semilhantes a romã;
Tem ares d'uma princesa,
E no entanto é tão medrosa!...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê! »

— Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princesa,
É menos do que é a gente.

—Oh! quantas mães desgraçadas
Chorão seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes porque?
Foi porque derão ouvidos
Á leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

—O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo
De quando rompe a manhã.

—É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
E' terrivel tentação.—

Junto ao rio cristalino
Brincava o ledo menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o concelho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada,
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agua
Da causa tanta magoa,
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
Já não vê o bello infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz consigo entristecido:
—Que mal fiz eu!
Minha mãe bem que indulgente,
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu.—

Era figura tão bella!
E que expressão tão singela,
Que riso o seu!
Oh! minha mãe certamente
Só por não me não ver contente,
Me repr'hendeu!

Espreita, sim, mas duvìda
Que a bella imagem querida
Torne a volver;
E na fonte cristalina
Para ver todo se inclina
Se a pode ver!

Acha-se ainda turbada,
E a bella moça agastada
Não quer voltar;
Sacode leve a cabeça,
Em quanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz comsigo entristecido:
—Que mal fiz eu!...
Leda ao ver-me parecia,
Era boa, e me sorria....
Que riso o seu!

As aguas no entanto de novo se applacão,
A lisa corrente se espelha outra vez,
E a imagem querida no fundo apparece
Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trasia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmins,
Um iris nas cores, e as franjas bordadas
De prata lusente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o bello menino sentado a chorar
« Perdoa, dizia-lhe, o mal que te hei feito;
Por minha vontade não hei tornar!

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao revez;
Das franjas garbosas as pedras reflectem
Infindos luseiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
No fundo lusente de puro cristal;
Fantasticos seres assomão ás grutas
Do nitido ambar, do vivo coral!

Entanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão;
A mãe, longe delle, dizia:— Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem meu amigo, dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada:
—Sou boa, não faço mal,

Vem ver meu bellos palacios,
Meus dominios dilatados,
Meus thesouros encantados
No meu reino de cristal.

« Vem, te chamo: vê a limpha
Como é bella e cristalina;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz!
Vem, verás como aqui dentro
Brincão mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas,
Nem as vagas mariposas,
Que brincão por entre as rosas
Do teu ameno jardim;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais lusentes e mais bellos
Que o oiro dos meus cabellos,
Que a nitidez do setim. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver demais perto a donosa visão;
E a mãe longe delle, dizia: meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação.

« Vem, meu amigo, tornava
A bella fada engraçada,
Vem ver a minha morada,
O meu reino de cristal:
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta,
Nem roncos do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,
Tudo rapido se accende,
E o meu palacio resplende
De vivo, ethereo clarão.
Mil figuras apparecem,
Mil donzellas encantadas
Com angelicas toadas
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas
Por me ver passar se afastão,
E mil estrellas se engastão
Nas paredes do cristal.
Surgem luses multicores,
Como desses perilampos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formão ledas, pressurosas
O meu sequito real:
Vem! dar-te-hei meus palacios,
Meus dominios dilatados,
Meus thesouros encantados
E o meu reino de cristal. »

Entanto o menino se curva e se inclina
Para a visão;
E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
Que é tentação.

E o bello menino, dizendo comsigo—
Que bem fiz eu!
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu:

Atira-se ás aguas: n'um grito medonho
A mãe lastimavel—Meu filho!—bradou:
Respondem-lhe os echos, porém voz humana
Aos gritos da triste não torna:—aqui estou!

POESIAS DIVERSAS.

NENIA

Á MORTE SENTIDISSIMA DO SERENISSIMO PRINCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO.

Á SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

I.

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não vio murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Em quanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flôr inda em botão ceifada,
Em quanto aromas recendia pura;
Bem como a onda, quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Em quanto os céos de rosicler matisa;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa espr'ança do Brasil, batendo
Ás ferreas portas da existencia, viste
O mundo afflicto e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dôr soffrendo!

Cheio de compaixão atraz voltaste
Do horrifico espectaculo, tapando
Com as azas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor, que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella
N'um tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada á sanha da procella,
Mas leve solta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,
Inda virgem, sem dar mystica luz;
Ou turib'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levárão entre palmas e capellas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas,

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Em quanto no horisonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se;
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II.

Não ouviste, oh bello anginho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a phalange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosanna ao Senhor?

Teu espirito innocente,
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente illumina
Dos resplendores de Deos,
Não antevio outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céos?

Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez á vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortaes;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteião,
Entre quantos te rodeião,
Tu não enchergas teus paes!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas azas brilhantes
Dos teus ultimos instantes
O teu alento final;
E em redor delles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vôa,
Deixa a terra ingrata e rude,
Vai onde móra a virtude,
E premio a innocencia tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo,
Não serás orphão tambem?

III.

Desprega tuas azas de cores suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deos:
O aroma das flores, o canto das aves,
O que ha de mais puro se entranha nos céos.

Oh! foge da terra! bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céo se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
Na grávida concha dos nossos peccados
Sumir-se no abysmo—dos raios divinos
Os golpes apára nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemencia
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas azas da tua innocencia,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de cores suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deos:
O aroma das flores, e o canto das aves
E o que ha de mais puro se perde nos céos.

IV.

SENHOR, se na afflicção que te consome,
Na dôr immensa, que teu peito acanha,
Póde erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto;
Se a dôr do pae não absorva inteiro
O peito augusto do Monarcha excelso,
Enxuga as tristes lagrimas que vertes!
Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
Um vacuo berço de seu pranto enchendo!
Á sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
(Involta em seus reconditos designios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Co' o mesmo golpe as esperanças de ambos,
—A dôr de um pae e as afflicções de um povo!—

Janeiro 10, de 1850.

OLHOS VERDES.

Elles verdes são:
E tem por usança,
Na côr esperança,
E nas obras não.
Cam. Rim.

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança,
Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguaes na forma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor.
Mas ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammão,
Tão meigamente derramão
Fogo e luz do coração;
Mas ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem tambem brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar.
Mas ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
Pude lêr nos olhos seus!
Os olhos mostrão a alma,
Que as ondas postas em calma
Tambem reflectem os ceos;
Mas ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, oh meos amigos,
Se vos perguntão por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que ai de mi!
Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós; Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Vio uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar:
Erão verdes sem espr'ança,
Davão amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertenço mais a vida
Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Feito às Sras. de Itapacorà, que abrilhantarão a festa do Illm. Sr. Antonio José Rodrigues Torres.

PORTO DAS CAIXAS— 25 de agosto de 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor, á graça tanta
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos
A cythara incivil fallar de amores?
Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas;
Quando a senhora manda o escravo cumpre
E ás supplicas da musa o vate cede!
Afinada por voz a lyra humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
Á nova esphera se remonta agora.

O frescor juvenil dos vossos annos,
E as que vos ornão, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céo anilado,
Com placido brilho de noite s'inflamma;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantão á luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flor matutina,
Que á luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flor que trescala perfumes suaves,
A estrella que brilha no céo anilado.
E o canto das aves,
Que sôa no bosque virente e copado;

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,
É tal o seu fado:—vós sois como ellas,
Sois como as estrellas,
Na graça e no canto, sois aves, sois flores.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtão-se as horas do nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão
Do vate, cuja lyra merencoria
Foi por vós de festões engrinaldada;
Por vós, cujo sorriso mavioso

Melhor perfume exhala, do que as notas
Concertadas com arte; dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lyra do poeta,
Como do astro-rei quando no occaso
Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA.

Ah! ya agostada
Siento mi juventud, mi faz marchita,
Y la profunda pena que mi agita
Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Pede clarão ao sol, perfume as flores,
Ás brisas suspirar, murmurio aos ventos,
Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flor, a brisa, os ventos
E as fontes que murmurão docemente,
Na festa da tua alma hão-de seguir-te,
Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
Um alegre cantar,—já murchas pendem
As grinaldas gentis de que a toucárão
Donzeis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
Que amargo pranto destendeu sem custo;
Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
Uns versos de prazer entre soluços?

Mas não peças um hymno ao triste bardo!
Verde ramo d'uma arvore gigante
O raio no passar queimou-lhe o viço,
Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tedio á vida
Sem motivo tambem,—caprixos loucos,
Anhelo d'outro mundo, d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Scismar venturas e encontrar só dores;

Fizerão-me o que vês : não canto, soffro!
Lyra quebrada, coração sem forças
De poetico manto as vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada á beira mar, na paz de um ermo,
Uma flor, uma estrella, os céos e as nuvens;

Pede canto aos ledos passarinhos,
Á brisa, ao vento, á fonte que murmura;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTORA.

Forão as trevas fugindo,
E lusindo
Nasce o sol sobre o horisonte;
Quando a pastora formosa
E mimosa
Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,
Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
Mais viçosa
Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantão, trinando
E saltando,
As aves seu casto amor;
Aqui, ali, scintillante
E brilhante
Desabrocha a linda flor.

E a pastorinha engraçada,
Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
Toca a rez
Toca a rez, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai, pastora, vai depressa,
Já começa
O sol no valle a brilhar;

Vai, que as tuas companheiras,
Galhofeiras,
Lá estão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
Vão rumores
De que tens uma rival,
Nessa Alteia, a tua antiga,
Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
São traidores,
Que o homem não sabe amar;
E que diz: Esta é mais bella;
Mas aquella
É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,
Que tem meios
De prender um coração.
É viva, bella, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavores,
Nos amores
Que caprichosa não é!
Zomba delle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que ha prendas dadas
E trocadas.....
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
Oh pastora,
Triste de ti sem amor!
Foras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
Ao folguedo
Do domingo festival,

Não irias, oh formosa,
Vergonhosa
Dos olhos d'uma rival!

Para as serras do Gerez
Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora!

Gerez....

A INFANCIA.

I.

Bello raio do sol da existencia,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura innocencia
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anginho innocente,
Quem se apresse em teus passos guiar,
E uma voz que o teu somno acalente,
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jocundos
Voz etherea te venha fallar,
E visão d'outros céos, d'outros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
Quem não sente memorias d'outras eras
Travarem-lhe da mente ao recordar-se
Aquelle gozo puro e suavissimo
De vida, que jámais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de musica longinqua?
E a mente nos seus quadros embebida,
Por magica illusão enfeitiçada,
Como outr'ora, talvez sómente veja
Na terra—um chão de flores estrellado,
E nos céos—outro chão de flores vivas!

II.

Afagada e bem vinda e querida
Travessuras scismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É sua vida um continuo festejo,
Sonhos d'oiro só sabe sonhar,
Toda ella um afan, um desejo
D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura,
Da fonte do praser!—porém tão doces

Essas lagrimas são!—tão abundantes,
Tão sem causa e sympathicas gotejão
N'uma tez de carmim, n'um rosto bello!
Quem as vê, que sorrindo as não enchuga?
Mas não todo consumas o thesouro
Unico e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do soffrer; no tempo amargo,
No qual o rosto pallido se enruga,
E os olhos seccos, aridos chammejão,
Será talvez bem grato refrigerio
Uma lagrima só, em que arrancada
A força da afflicção dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorri, em quanto a vida,
Como um rio entre flores, se deslisa
Macio, puro, recendendo aromas.

III.

Bello raio do sol da existencia,
Flor da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga innocencia,
Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sobre a veiga formosa

A menina travessa e ruidosa,
Borboleta que alegre doudeja?

A menina é uma flor de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deos alumia,
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,
Borboleta gentil! a flor dos valles,
Da noite á viração abrindo o calix,
O puro orvalho da manhã te guarda;
Inda perfumes dá, que te embriagão,
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas azas multicores scintillando,
Com terno amor de pae, em torno esparge
Pó subtil de rubins e de safiras.
Folga e ri no começo da existencia,
Humano serafim, que esse perfume
São das azas do anjo, que s'impregnão
Dos aromas do céo, quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deos consome e apaga.

IV.

Porém tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Bello anginho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Hade ser como rota grinalda,
Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
E este peito talvez sem calor,
E memoria apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO.

Move incessante as asas incansaveis
O tempo fugitivo;
Atraz não volta!

A. de Gusmão.

Urge o tempo, os annos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga!
O tronco, o arbusto, a folha, a flor, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova forma, em quanto
Gyra no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
O espirito, porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e occulta,

Até que emfim se torna incendio e chammas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céos comsigo arrasta
Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, não muda; vai crescendo,
Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
E a propria morte o purifica e alinda.
Simelha estatua erguida entre ruinas,
Firme na base, intacta, mais bella
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO.

25 de Outubro de 1848.

O involucro de um anjo aqui descança,
Alma do céo nascida entre amargores,
Como flor entre espinhos!—tu, que passas,
Não perguntes quem foi.—Nuvem risonha,
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve occaso,
Realidade no céo, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia,
Levada á plaga eterna do infinito,
Como off'renda de amor ao Deos que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MOÇA.

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!

Chenier.

É leda a flor que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em floreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
Com seus musicos accentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis;
Como quanto inceta a vida,
Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gota de orvalho
Extrahe celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto lhe tinge a côr;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormencia
Derrama o odor da innocencia,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sahe melindrosa e pura
D'entre as mãos do creador.

28 *de julho.*

COMO EU TE AMO.

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
O orvalho n'uma flor, nos céos a estrella,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horisonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosissimas do nauta,
Quando em molle vai-vem a náo fluctua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as cores,
Um céo com luzes, um jardim com flores,
Um canto quasi em lagrimas sumido;

Como se ama o crepusculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O susurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e seductora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céos,
O silencio, as cores, o perfume, a vida,
Aos paes e á patria e á virtude e á Deos.

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-t'o os labios meus,—mais do que vale
Cantar a voz do trovador cançada:
O que é bello, o que é justo, santo e grande
Amo em ti.—Por tudo quanto soffro,
Por quanto já soffri, por quanto ainda
Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!

Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não suppões, nem te revelo,
Só pode no silencio achar consolo,
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro;
Não te direi jámais,
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
Esta paixão voraz!

Se andas, sou o écho dos teus passos;
Da tua voz, se fallas;
O murmurio saudoso que responde
Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pegadas sigo;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
E não me vês comtigo!

Occulto, ignorado me desvelo
Por ti, que me não vês;
Aliso o teu caminho, esparjo as flores,
Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
Não pensa em mim, dirás:
Imagina-o, si o podes, que os meus labios
Não t'o dirão jámais!

Sim, eu te amo; porém nunca
Saberás do meu amor;
A minha canção singela
Traiçoeira não revela
O premio sancto que anhela
O soffrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
Dos labios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus labios, aos meus olhos
Do silencio imponho a lei;
Mas lá onde a dôr se esquece,
Onde a luz nunca fallece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei!

E então dirás: « Objecto
Fui de sancto e puro amor,
A sua canção singela,
Tudo agora me revela;
Já sei o premio que anhela
O soffrer do trovador.

« Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silencio, os sons, os céos,
Como se ama as cores, o perfume, a vida,
Os paes e a patria, e a virtude e a Deos!

« Amo-o agora tambem como as estrellas,
Como as harpas divinas, como aos céos,
Como aos anjos de palmas e capellas,
Que entoão córos mysticos a Deos! »

AS DUAS COROAS.

Hermosa, en tu linda frente
El laurel sienta mejor,
Que con su regio esplendor
Corona de rei potente.

G. y S.

Ha duas c'rôas na terra,
Uma d'ouro scintillante
Com esmalte de diamante,
Na fronte do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'rôa de meiga poesia,
Que a fronte ao vate alumia
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
Os potentados da terra:
No bojo, que a morte encerra,
Sobre a liquida extensão,
Levão náos os seus dictames
Da peleja entre os horrores;
Vis escravos, crús senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sobre esta terra maldicta,
Ninguem a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus:
Os anjos, não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Em quanto a outra é de Deos!

Se eu fora rei, não te dera
Quinhão na regia amargura;
Nem te qu'ria, virgem pura,
Sentada sob o docel,
Onde a dôr tão viva anceia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
Onde a mascara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deos, sim, que o rei chore;
Mas que chore occultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
Modula em meigos accentos,
Seus doridos pensamentos,
A sua interna afflicção,
E das lagrimas choradas
Extrahe um balsamo sancto,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
Roubar-te á senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gosas o sopro das brisas
E o leve aroma das flores,
E as nuvens, que mudão cores
No nascer, no pôr do sol.

Gosão disto as que repousão
Em taboas de vis grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
D'um throno d'ouro e marfim!
No solio triste, sentada,
Não viras um rosto amigo,
Nem mais viveras comtigo,
Fôras escrava—por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzella,
D'entre todas a mais bella,
Flor de candura e de amor!
C'rôa melhor eu t'offreço,
D'ouro não, mas de poesia,
C'rôa que a fronte alumia
Com divino resplendor!

HARPEJOS.

Sweeterst music!...

Shakspeare.

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós comigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatar-me
De vaga phantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silencio harmonico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que mana
De cava, humida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dor que n'alma sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão!

Attendo! ao longe escuto
D'uma harpa os sons queixosos,
Attendo! e logo sinto
Minha alma se alegrar!
Attendo! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flores?
Teu sou,—do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Em quanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi' !
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi !

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem,
Da noite á viração,
Ainda escuto os échos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A magoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
Que em sitio solitario
Acaso um dia vimos
Sósinha a divagar!
Memoria bemfazeja,
Que o gelido sudario,
Que a morte em nós estende,
Não vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR.

E ella era esbelta e bem proporcionada: sua alma era como a sensitiva, e suas palavras erão doces e tinhão um perfume, que se não póde comparar.

(Duas noites de luar.)

E ella era como a rosa matutina
Formosa e bella,
E como a estrella que á noite ao mar se inclina,
Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delicias vel-os;
E co' a alvura do rosto contrastava
A cor dos seus cabellos.

Quando alguem lhe fallava, então fallava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebrão
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno;
Nuvemzinha da tarde, que se encherga
Em céo sereno.

Tòpou-a acaso pensativa, errante,
O trovador:
« Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
Do seu amor! »

E ella deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, porém bella,
E elle um culto votou, scismando extremos,
A' pallida donzella.

Como fosse, porém, breve a sua vida
Como uma flor,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava, — só dizia
Ao seu anjo do céo, que lá morava,
Que de ter junto delle só pedia
A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE.

Eu levo á sepultura, uns após outros,
A donzella gentil, o velho infermo
E o mancebo que folga descansado
Á sombra da ventura.

* * *

« Minha filha, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudavel frescor gozemos!

« Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sobre a campa núa
De um ser de peito bom, de rosto bello,
Que foi minha mulher, que foi mãi tua!

« O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campa dardejar,
E á cansada velhice é bem fagueiro
Esses restos da vida desfructar.»

Um cégo e triste velho que tremia
Á força dos invernos que passarão,
Á filha nova e bella, assim dizia,
Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ella ao pae, sollicita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bella.

« Nem sempre o que ora vês teu pae tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,
Tambem um tempo foi que, entretecido,
Tive o fio vital de seda e d'oiro!

« Tambem meus olhos se expraiarão longe,
Pela vasta extensão destas campinas;
Tambem segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
Além, por entre penhas;
E a esmeraldina cor, de que se arreia
A relva destes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gozo,
Que agora os olhos teus tambem recreia!

« E que prazer tão grande! o sol nascia
N'um mar de luz brilhante!
Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na devesa;
E o munda e a natureza
De puro amor enchia!
Destoucavão-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgaçada
Pendia como um véo de gaza fina
Da celeste morada,
Quando n'um mar formoso o sol nascia!

« O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céo de puro azul via tingido,
Via a terra de cores adornada,

E na immensa extensão d'agua salgada
Via a esteira de luz do sol lusido!

« Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui neste lugar, ledo escutando
Tão amavel tua mãi, tão carinhosa,
Q'instantes curtos me teceu fallando!

« Hoje existo somente porque existes,
Desfructo outro viver que não vivia,
Quando escutão tua voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

« Oh falla, falla sempre.—É doce ao velho
Sons d'argentina voz, que as fibras todas
Do frio coração remoça e abala,
Como d'uma harpa antiga
As deslembradas cordas,
Que a mão experta e amiga
Do trovador, n'um canto alegre estala.

« É doce ao solitario a voz de um anjo
Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que falla ao coração.

« É doce, qual perfume matutino,
Que a flor exhala,
Que pelo peito da mulher amante
S'interna e cala ;

« É doce, como a luz que se derrama
Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
Vem nella se espelhar.

« Falla, bem sei que amarga é tua vida,
Que amargo é teu penar;
No silencio da noite tenho ouvido
Teu peito a soluçar !

« Falla, tu bem vês que se a tormenta
Tetrica voa,
Ao ninho de seus paes o passarinho
Rapido voa. »

—Oh meu pai, como eu quizera
Meus pezares te esconder,

Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que o alento me falta,
Que longe foge de mim;
Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi, em sonhos,
A chamar-me um serafim;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sobre mim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sosinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n'alma só me pesa
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim!—

E o velho, baixo fallando,
Tristemente assim dizia:

« Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

« Eu tive paes extremosos,
Irmãos que m'idolatrarão,
Eu tive castos amores,
Que antes de mim se acabarão!

« Eu tive tantos no mundo
Quantos se póde chorar;
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

« Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos—novos e velhos—
Á campa todos levei!

« Minha filha me restava!
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

« Anjo de amor e bondade
Porque me deixaste assim!

Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto pr'a mim!

« Deos, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei,
Findo o julguei; restão feses,
As feses esgotarei. »

E sobre a rosea face, ora amarella,
A aurora sempre bella radiava,
E o pai, ancião, que a dor rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbulhava,
E nem nos labios seus a dor gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer immota arfava!

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera;
E filha e pensamento—alguem dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa!

Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,
Por que os venhas assim buscar á terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que ás tontas erra.

AS FLORES.

Ao Snr. José Praxedes Pereira Pacheco, incançavel Botanico-florista, a quem devemos a introducção no paiz das mais bellas e curiosas especies de flôres, que jamais aqui se virão.

Simples tributs du cœur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.
Les Jardins.—DELILLE.

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flores varias no matiz, nas fórmas,
Modésto horticultor, dos teos desvélos
Este só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: tambem eu gósto das flores,
Fólgo tambem de as ver n'um campo estreito

De estranhas terras revelando os mimos
E as galas d'outros céos:—aqui perfumão
Nossos jardins de peregrina essencia!
Melhorão-se talvez, que as não contristão
Raios tibios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flores gentís, quem vos não ama?
Em vós inspirações o bardo encontra,
Devaneios de amor a ingenua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odôres, nutrição, balsamo e côres.
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Linda virgem no albôr da vida incerta,
No meio das viváces companheiras,
Em fórma de capella as vai tecendo
Para cingir com ella a fronte e a coma,
Que os annos no passar não enrugarão,
Nem as cans da velhice embranquecerão.
Resplendor d'innocencia, onde casados
A açucena, e os jasmins aos brancos lirios
Um só perfume grato aos céos envia;
Meiga c'rôa d'angelica pureza,
Ornamento da vida—que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem

O grosseiro burel da penitencia,
Ou do noivado as galas!—lá se acaba,
Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulo!
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
A fallaz sensação d'um peito ingrato
Não julgamos eterna, immensa, infinda!....
Ali nossos anhelos se concentrão,
Nossa vida ali jaz: —cifra-se inteira
N'um brando volver d'olhos, n'um accento,
Que a ternura repassa, inspira, exhala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem thronos e mais,—o mundo e a vida!
Mas esvae-se a paixão!.... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar d'éras passadas,
De scismadas venturas não fruidas,
Ás vezes uma flor!....—Flor dos amores,
Quando extincta a paixão, porque inda existes?
Espinhos de uma rosa emmurchechida
Porque sobreviveis ás folhas d'ella?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a voluvel paixão, a flor mimosa
Talvez irrita a dòr, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do soffrimento,
Mensageiras do amor ou da saudade,
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunucho;—a estatua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flor definha entre outras flores;
Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
E cingidos de ferro, crús soldados
D'entorno ao mésto harem velão sanhudos!
Ruge, fero soldão!—treplíca os bronzes
Da masmorra cruel:—a planta humilde,
A escrava que recatas tão cioso,
Zomba dos féros teus! Muda e singela
Ao través das prisões, dos teus soldados,
Passa a modésta flor! Vai n'outro peito,
Mysterios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
Que chora—ao reiterar protestos novos!
Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,
O orvalho as cria, as lagrimas as murchão:
Meigas flores gentís quem vos não ama?

Quem tem o coração a amar propenso,
Quem sente a interna voz que dentro falla,
Delicado sentir d'um brando peito,

Alma virgem que os homens não mancharão,
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, esse vos ama:
Encantos da existencia em quanto vivos,
Do revés, do triumpho companheiras,
No berço, no docel, no mudo esquife,
Sempre amigas fieis vos encontramos.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bella,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra
A flor modesta, producção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 de janeiro de 1849.

O QUE MAIS DÓE NA VIDA.

I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.
Shakespeare.

O que mais dóe na vida não é ver-se
Mal pago um beneficio,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!

Não! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,
Nem ver como s'infama a acção mais nobre,

Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se
As mãos d'um ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvão,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E um rosto que descora!

Não! não é ouvir d'aquelles labios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funereo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembrão tanto,
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triumphar da morte,
Que, se se apaga a luz da vida escaça,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espanca
As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dor que não tem cura,
O que afflige, o que mata,
Mas de afflicção cruel, de morte dura,
É morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel á curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se enastra, e tão depressa,
E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares
Ao mais ligeiro sopro
Da viração — destranção-se as grinaldas,
O baixel se afasta.
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permitte Deos que tão depressa
Estes laços se rompão,
Por que nos peze o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz solta na terra!

FLOR DE BELLEZA.

Não vejas!.. se a vires...—Eu sei porque o digo:
Tu morres de amor.
Macedo.

Se fosse rainha aquella
Em cuja fronte singela,
Como em tela delicada
Luz da belleza o condão,
Fôras rainha adorada;
Mas rainha seductora,
Que exige preitos n'uma hora,
E n'outra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos
Teus vassallos extremosos,

Que ao renderem-te seus preitos
Beijárão-te a nivea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a belleza que vemos,
Tua angelica bondade
Conquista a nossa affeição:
Não és mulher, mas deidade,
Uma fada seductora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais—adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nivea mão;
Dizem uns: quanto é formosa!
Eu porém, sei que és mais bella
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
Como flor que a natureza

Cria em jardim melindroso,
Ou n'um agreste torrão:
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exhala essencia divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA.

Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.

Bocage.

Revela tanto amor, tão branda sôa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
E embalada n'um ether deleitoso,
Como Alcyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sósinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horisonte,
Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar, que enternecido,
Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
Que as mais profundas magoas alivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;
Mas quando deste mundo ao céo tornares,
Juntarás teus ternissimos accentos
Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados nas harpas diamantinas,
Folgaráõ de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão :—Nunca ás plagas do infinito
Subio mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,
Onde o incenso de Deos se afina e apura.

A HISTORIA.

The flow and ebb of each recurring age.
Byron.

Triste lição da experiencia deixão
Os évos no passar, e os mesmos actos
Renovados sem fim por muitos povos
Sob nomes diversos se encadeião:
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e gloria,
Baixeza, crime, infamia se repetem,
Quer gravados no sócco de uma estatua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a historia! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e velludos,
Depois vestindo um saco despresivel,
D'immunda cinza, apolvilhada a fronte.

Se as virtudes do pobre não tem preço,
Tambem dos vicios seus a nodoa exigua
Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,
Que trilhão senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulchro,
Onde se quebra a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijarão; se malvado
Cospem-lhe affrontas na vaidosa campa,
Jámais de amigas lagrimas molhada.
E qual do Egypto nos festins funereos,
Maldizem bons e máos sua memoria,
Lançando á face da real mumia
Dos crimes seus a lacrymosa historia.
Talvez, porém, um infortunio grande,
Um exemplo sublime de virtude
Cobre dourada pagina, que aos olhos
Pranto consolador do peito arranca.

Eis a historia!—um espelho do passado,
Folhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortaes;— aqui, sem mancha,
Além golfeja sangue e súa crimes.
Tal foi, tal é: retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida,— e ao mesmo tempo espelho,

Que ha de ser nova copia á gente nova,
Como os annos aos annos se succedem.
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na apparencia, que se quebrão
Sobre as d'areia fluctuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM.

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzella a pensar;

Perguntou-lhe :—Virgem bella,
Que fazes no teu scismar?
—E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha :—Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
—Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar!

—Vais d'uma a outra das vagas,
Eu d'um a outro scismar;
Tu indolente divagas,
Eu soffro triste a cantar.

—Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deos:
Buscas a vida,—eu a morte;
Buscas a terra,—eu os céos!

ANALIA—POEMETO.

CANTO I.

> A vida do homem com todos os seus projectos se eleva como uma torre cuja corôa é a morte.
>
> *S. Pierre.*

Noite propicia aos timidos amantes,
Consolação dos tristes que suspirão,
Que não podem soffrer do sol os raios,
Esse manto de estrellas não recolhas,
Que os olhos chama aos céos, e a Deos a mente
E em placido remanso a dôr abranda
De quem maior alivio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga.
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa

Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o somno
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas
Em desafio as aves entornavão
As notas varias do seu hymno eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra : da neblina
Os densos rolos — dos profundos valles
E dos cimos erguidos — procuravão,
Attrahidos do sol, mais alta esphera!

Analia, oh bella filha dos amores,
Porque tremes assim? porque t'encobres?
Porque essa pallidez? esse agitado
Pulsar do seio, esses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcanção?
Ninguem te espreita ou vê ; ninguem te segue :
Sob o avito solar descanção todos,
Teu nobre e velho pae te crê dormida!
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a noturna alampada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pallidos reflexos.

Analia! occulta voz entre suspiros
Duvidosa murmura: volta o rosto
A donzella gentil, descora, treme,
Vacilla, cae nos braços de um mancebo,
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra
De magnetica força commovida!
Não tem voz, não tem côr,—pallida rosa
Simelha n'um jardim cortada a pouco!

Quem pudesse acabar entre os deliquios
De um puro e doce amor!—fazer pedaços
Desta vida miserrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
D'uma illusão doirada,—e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deos ao throno, como um canto,
Que a brisa leva ao céo entre perfumes!

Mal distinctas palavras murmurarão:
Não voz, porém accentos mal formados,
Quasi grito e rugidos, que passavão
De um peito a outro sem roçar nos labios;
Frazes do coração que ao destacar-se
Levavão após si o melhor delle.
Aquella tempestade emfim se amaina,

Já menos fortes sensações tão vivas
Podem termos achar com que s'exprimão.

« Não sentes, doce bem, quanto é penoso
Lutar em vão co'a sorte?—quanto punge
O praser que fruir nos fôra dado,
E não fruido se converte em penas!
Pensar que a minha vida, á sós comtigo,
Decorrera feliz, tranquilla e pura!
Sentir que este desejo assim nutrido
Hade esvair-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esvae a sombra!
É vida de martyrios que enlouquecem,
D'anciedade, que mata!—Oh muito amada,
Luz desta alma, que a dôr me vai gastando,
Como viver sem ti n'um ermo triste,
Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos
Me fallem da tua alma a cada instante?
Nunca t'eu vira, nem me viras nunca,
Menos agra talvez nos fosse a vida. »

Com voz que os seios d'alma penetrava
Respondia a donzella.—O fado as vezes
Cança de ser cruel!—Quem sabe?—Um dia
Este pezar será, que ora passamos,
Grato de ser lembrado: espera ainda.—

—Espero,—oh! inda espero; mas a esp'rança
Ao passo que meus dias se devolvem,
De tanto se alongar me vai fugindo,
Rico e nobre é teu pai: seus feitos voão
De bocca em bocca—em longa serie illustre,
Não denegrida, não cortada: o orgulho
De rico e d'infanção, que tanto o exalta,
Ergueu alta barreira entre nós ambos.

« Q'importa! o nosso amor é mais valente:
Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
Dizer que a nossa vida pende agora
Do nosso amor.—Hade escutar-me affavel,
A mim que mais que a vida estima e presa,
Ultimo alivio dos seus curtos dias. »

Eis nisto sobrevém o pai turbado,
A quem roaz suspeita rouba o somno;
Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,
Que mancha os seus brazões, prorompe irado:

« Mal haja o vil, o seductor corrupto,
Que tantos annos de honradez deslustra,
Cobrindo a virgem de vergonha; e ao velho
D'oprobrio e negra infamia! » Assim dizendo,

Leva a tremula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sobre o peito inerme cruza os braços,
E não descora, nem recúa: a virgem,
Que um amavel terror empallidece,
Cobrindo com seu corpo o corpo delle,
Não teme a folha tremula, que oscilla
Na mão que os muitos annos já cansárão.
A vida off'rece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto! — seu amor confessa,
Finezas delle, que a vencera amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e scisma, e conhecer intenta
O amor do joven; quer talvez proval-o,
Talvez do extranho arrojo quer punil-o.
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal,— no cimo erguido,
Nenhuma flor brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asylado,
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao joven,
E diz-lhe em voz, d'onde o furor transpira!
« Se deste monte o pincaro vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descances.... — Se o vingar?... É tua;
Mas ai de ti, ai della, se esmoreces,

Se a offerta illudes, si tua alma fraca
Aos teus desejos inferior se mostra!....—

É tua!—Estas palavras no mancebo
Coárão grato enleio;—gota amiga
D'orvalho no Sahrá, clarão nas trevas,
Brando calor nos pólos.—Minha! minha!
Como louco bradava, e nos seus braços
Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO III.

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
Que o amor ligara, estreitamente unidos,
Lá vão, como um só vulto, indivisiveis.
Prende o mancebo nos nervosos braços
O leve corpo della, doce, eburneo,
Elastico e tão meigo!... Oh! que não possa
Linguagem d'homem retratar ao vivo
O arroubo estreme, os extasis divinos,
De quando a vez primeira, entre deliquios,
Unimos contra o peito, arfando ardente,

Uns peitos que se elevão, que se abatem,
Que suspirão por nós!—Os olhos d'ambos
Scintillavão de amor! halito ardente
Crestava os labios d'ambos, derramando
Mais do que vida, do que amor, nas faces
Que em vivo fogo ardião. Amorosa,
Por que mais leve se tornasse, a virgem,
Lançando ao collo delle os niveos braços,
Meia suspensa lhe dizia:

« Amado,
Não tenhas nimio ardor; sê mais prudente,
Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras
Rolar-te sob os pés: mais vagaroso
Caminha;— a queda é morte, o afan, a pressa
Quebra o arrojo, enfraquece:—alcantilado
É deste monte o cume,— falta muito,
E do rosto o suor te corre em fios. »

—Não sabes! por te amar daria a vida
Até a gota extrema, que em meu peito,
Q'inda em meu coração gyrar sentisse;
E quando a propria vida me faltára,
Minha alma, e o que me espera além da morte,
Daria por te amar.—É fraca a prova

De soffrer doce peso algumas horas
Por viver em delicias longos annos. —

Anima-se, prosegue mais brioso,
Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
Immensa multidão, a quem tal caso
Ali reune, e tem como suspensa,
Applaude enthusiasta, brada, clama,
Da base da montanha....— infindos rogos
Eleva, exalta ao céo :—coragem ! grita;
Gentil mancebo, alento ! —Fraca, incerta,
Chegava ao par amante a voz ruidosa.
O mancebo feliz todo se embebe
No futuro gozar dos seus amores.
Bagas e bagas de suór crescião
Na fronte afogueada : o rosto acceso
Ao desejado fim dos seus trabalhos
Volvia : a casta virgem, desprendendo
A loura trança, avelutada e longa,
Tentou limpar-lhe o rosto : mal sentira
A fragrancia, o contacto, o sangue em ondas
Correu-lhe ao coração,—a côr das faces
Sumiu-se de relance.—Soffres ! soffres !
Inquieta a virgem perguntava. O triste
Começou de correr com novo alento.
« A trança, a loura trança me electrisa,

Requeima o sangue e a pelle, inflamma e cega!
Querida, amada, mais que tudo amada,
Luz da minha alma, norte meu, feitiço
Desta existencia, que sem ti é morte,
Oh! não queiras, por Deos, tirar-me as forças! »

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
Inda mais fraco sente-se,—caminha,
—Ouves? a bella virgem lhe dizia:
Quando assentares que vencer não pódes
Esta ingreme costeira, não m'o digas;
Porém ao fundo abysmo negrejante,
Que a nossos pés terrifico se cava,
Leva-me, por Deos, presa em teus braços,
E esta vida comtigo ali se acabe.—

« Que fallas em morrer, tão nova ainda!
Soluçava o mancebo! oh! não, mais dias
Nos restão, mais felizes,—outros annos,
Outros tempos de amor, que estes não sejão. »

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
—Coragem! com mais força lhe gritava.
Açodado correu por longo espaço,
Salvando d'asp'ra senda as pedras soltas;

Porém, do afan, por fim, quasi vencido,
Com voz, louca de amor, bradava o triste:

« Oh! como é doce este romper da aurora!
A brisa da manhã, como é suave!
Séca-me as bagas de suór do rosto,
Humedece-me os labios resequidos,
E outra vida melhor m'influe no peito. »

E após instantes, proseguio mais baixo:
« Quebrou-me este lutar co'a sorte ingrata,
Quasi vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados; mas espero....
Oh! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em premio deste afan penoso! »

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzella: oh! Deos, tão alta!

—Bem alta, sim, porém vingal-a é força:
O amor é forte e compassivo; os brios,
De que preciso, m'os dará; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei comtigo,

E certo vencerei; — dize-me as doces,
Meigas phrases de amor com que eu sohia
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Qu'hei passado sem ti; que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D'almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerulea côr do céo, das ondas,
Por noite estiva e bella. Da tua alma
Leio nelles a tímida esperança,
E como elles espero.—Um beijo, um beijo!...
Esse macio dos teus labios causão
Frenesi que transporta, que enlouquece!
Guarda-os por ora,—elles suffocão, roubão
O alento, a razão,—como um cauterio
De fogo, inflammão,— o ardor, a vida,
Que prestão—são dilirio, raiva insana,
E nutrem como a febre.
Eis que o mancebo
Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, empina e cresce.
Emfim despareceu! não toda, resta
Curta distancia, que vencer é facil;
Facil, mas a membros não cansados,
Não exhauridos de vigor, em luta

Perigosa e vital.—Meu Deos, não posso!
Murmurava entre si, a medo, e quasi
Reflexo interior do pensamento.

—Um passo mais: bradava-lhe a donzella,
Em ancias de transido desespero.
Hesitas! desfaleces! pois morramos!
Placido asylo a campa nos offrece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos.

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo,—transtornado o rosto,
Mal firme sobre os pés, simelha o tronco
Nutante, cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouvio, nada vio,—nem mesmo o pranto,
O adeos extremo soluçado á vida
Risonha e bella e subito cortada,
Quasi ao romper da aurora. O pranto ardente
Cahio no peito do mancebo:—choras! tu choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sobre o peito um requeimar de fogo:
Choras, tu choras!
Delirante o moço
De um pulo hardido vinga o resto infando
Da senda malfadada: És minha! és minha!—

Clama em delirio, mas a morte o colhe,
E d'entre os braços da que amava, o arranca!
Cahio gemendo; a misera donzella,
Oh! vinde!—soccorrei-me! repetia,
Oh! vinde, que elle expira— a turba entanto
Enchia os ares de applaudir ruidoso.
Soccorrei-me! bradava enlouquecida.
Bradava a turba:—A noiva, a bella noiva!
Oh! como os cabellos esparzidos
C'o resplendor do sol pleiteião brilho?!
É bella, hardido o noivo, ambos felizes!—

Lindas capellas de mimosas flores
Fabricavão no entanto—um padre chamão,
Porque em laço de amor juntasse a ambos;
Mas as capellas definharão tristes
Em luctuoso esquife,—a mesma campa
Sorveu—leito nefasto—os dois amantes!

Sómente o velho pae do nobre orgulho
No enterro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no marmore brunido
Mostrar poder, nobresa, e o esquartelado
Luctuoso brasão em campo negro.

SEI AMAR.

Amor amore.
Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cégo
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do immenso pégo
D'uma existencia misera e cansada,
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém que fosse minha! e que eu soubesse
Que os labios que beijei são meus sómente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de prompto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra, o accento,
Que em extasis de amor criei fervente.

Nem corre o seu volatil pensamento,
Quando fallo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora occulta em flores.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia—ao mais querido
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence,—um peito,
Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

AMANHÃ.

Amanhã! — é o sol que desponta,
É a aurora de roseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flôr.

Amanhã! — é a folha orvalhada,
É a rola a carpir-se com dôr,
E da brisa o suspiro,—é das aves
Ledo canto,— é da fonte o frescor.

Amanhã!—são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triumpho que a vida nos doura,
Ou a morte de baço pallor.

Amanhã!—é o vento que ruge,
A procella d'horrendo fragor,
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dôr.

Amanhã!—é a folha pendida,
E' a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Amanhã!— são acasos da sorte!
E' a vida no seu amargor,
Amanhã! — o triumpho, ou a morte;
Amanhã! — o prazer, ou a dôr!

Amanhã! — que t'importa se existes?
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De amanhã Deos sómente é Senhor!

POR UM AI.

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pes,
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dês;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos,
Meu coração a teus pes;
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dês:

Veja eu sobre os teus labios
Esta só palavra—amor!—
Estrella cortando os ares,
Abelha sobre uma flor.

Então verás dos meus olhos,
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia;
Era a folha verde e fresca,
Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
Cahiu, jaz solta, está só:
Exposta ao fogo, arde em chammas,
—Deixai-a, desfaz-se em pó!

Heide sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça
Tal fui, tal me vez agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo, e brota
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependurão
Mil flores,—ali mil aves
Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nem um suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno
Uma só prova,— e verás
Minha alma, presa em teus labios,
Como de amor se desfaz !

Ver-me-has rendido e sugeito,
Captivo e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei !

PROTESTO.

Imitação de uma poesia Javaneza.

Ainda quando os homens te odiassem,
E anath'ma contra ti gritasse o mundo,
Por ti sentira amor, te amara sempre,
Te amara eternamente.

Este affecto jamais hade alterar-se;
Embora gemeos soes ardão no espaço,
Ou gemeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o praser de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, heide afundar-me;
Passa ao travez do fogo, irei comtigo;
Aos céos remonta, heide seguir-te sempre,
Ver-me-has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o termo,
Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas asas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que vôo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
Que tanto ao vivo meu amor revelão;
Um gesto, um som dos labios teus mimosos
Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repillas,
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me apparece,
E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
A distancia de um mundo entre nós corra,
Em quanto além divago, preso fica
Meu coração comtigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
Não creias que o destino inexoravel
M'os corta—antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores!

CACHIAS.

Ao anniversario da sua independencia.
1 de Agosto.

Cachias, bella flôr, lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos annos foste escrava,
Como a indocil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos annos insoffriveis,
Rainha altiva, destoucada e bella,
Rojaste aos pés de um regulo soberbo?
Á mingoa definhaste em negro carcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Scintillar o clarão d'amiga estrella....

Oh! não, que a luz da esp'rança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De gloria e de fulgor resplandecente,
Em céo sem nuvens no horisonte erguido.

Eis o som do tambor atrôa os valles,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalão, despertando os échos.
—Eia! oh bravos, erguei-vos,—á peleja,
Á fome, á sêde, ás privações,—erguei-vos!
Tu, Cachias, acorda,— tu, rainha,
Lamina d'aço puro, envolta em ferro,
Ao sol refulgirás;—flôr que esmoreces,
Á mingoa d'ar, em carcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrojo,
Ultimo abrigo seu,—feros soldados,
Veteranas cohortes nos teus montes
Cavão bellicas tendas!—Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor portuguez empunha hardido,
No seu mando as retem: debalde, oh forte,
Expões teus dias! teu esforço inutil

Não susta o sol no rapido declive,
Que imerge áquem dos Andes orgulhosos
D'Africa e d'Asia os desbotados louros!

Eia!—o bronzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o ferreo som d'um écho em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensão....
Correi, bravos, correi!... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,
Livre como o condor que aos céos se arroja;
És livre!—mas na accesa phantasia
Debuxava-me o espirito exaltado
Fragoas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar.—Oh! fôra bello
Arriscar a existencia em pró da patria,
Regar de rubro sangue o patrio solo,
E sangue e vida abandonar por ella.

Longe, delirios vãos, longe phantasmas
De ardor febricitante!
A' gloria deste dia comparar-se
Póde acaso visão, delirio, ou sonho?
Ao fausto anniversario
Da nossa independencia?
Acclamações altisonas
Corrão nos ares da immortal Cachias:

Seja padrão de gloria entre nós outros
Sanctificada aurora,
Que os vis grilhões de escravos vio partidos.

FADARIO.

Procura o íman sempre
Do pólo a firme estrella,
De viva luz o insecto
Se deixa embellesar;
E a nave contrastada
Dos roncos da procella,
Procura amigo porto,
No qual possa ancorar.

O íman sou constante,
A nave combatida,
O insecto encandeado
Com fulgido clarão;

E tu — a minha estrella,
A luz da minha vida,
O porto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz—debalde
Me opprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausencia e no desterro
Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta
Á luz que o já queimara,
E o íman na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rota,
Que o vento contrastara,
Entrando o porto, esquece
Que males já soffreu.

Debalde, pois, tua alma,
Que a minha dôr encherga,

Se mostra aspera e dura
A voz do meu penar;
Aquelle verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao peso, emquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
De o ver revel comtigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez:
Mais qu'elle venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar:
A nave, que não toca
No porto a salvamento,
Talvez os rotos mastros
Atira á beira-mar.

Assim, quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão;
Talvez que por mim sintas
Alguma sympathia,
Que em lagrimas desfeita
Me dês amor então.

O ASSASSINO.

Pero una sola lagrima, um gemido
Sobre sus restos á ofrecer no van,
Que es sudario d'infames el olvido...
Bien con su nombre en su sepulcro estan!
Zorrilla.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;
Incerto, mais que os vôos d'um morcego,
Seu andar, ora lento, ora apressado,
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
Semelha luz de tocha mortuaria
A luz que os olhos seus despedem torvos.
Momentos ha em que o seu rosto fero
De tal arte s'enruga e se transtorna,

Que os seus proprios amigos o fugírão
E temeu sua mãe de o unir ao seio.
Quando os labios descerra, só murmura
Frases, cujo sentido não se alcança,
Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!
O que amou n'outro tempo, agora odeia;
Despresa o que estimou, evita, foge
Quanto afanoso procurava outr'ora:
Receia a luz do sol, o véo da noite,
A voz do crime, o grito da innocencia!

A cholera de Deos cahio tremenda
Sobre o seu peito, e o coração lhe oprime,
De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrendo e fero.
A victima das furias do remorso,
Terrivel e cobarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Em quanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
D'uma voz, d'uma sombra se acobarda.

Não póde soportar seus pensamentos
A sós comsigo, e aborrecendo os homens
De os ver e de os não ver soffre martyrios.
Na cidade suspeita esposa, amigos,
A mãe e os filhos;—um terror, um pasmo,

Cuja causa recondita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denuncião
Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobresalta!
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras,
Da brisa o suspirar por entre as folhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome que lhe irriça a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolão,
Batidas pelo açoite da procella
Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no
Quando passão, cuspindo-lhe o semblante;
E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem medo, quando sonha e quando véla.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silencio da noite—á horas mortas,
Levanta-se medonho; range os dentes,
Nas mãos convulsas um punhal aperta

E a lamina buida e os olhos torvos
Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,
Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... attende... de repente
Apunhala um phantasma!—solta um grito,
Larga o punhal convulso e arrepiado!
N'um ferrete de sangue lê seu fado,
Um ferrete, que a dôr não desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.

Miseravel, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horrorisa,
Odeia o mundo que fugir não póde,
Regeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deos,—teme a justiça
De quem na fronte vil do fratricida
Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS.

14—Janeiro.

No segredo da larva delicada
A borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as azas,
Que surja fóra!

A flor, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume,
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flor e a borboleta, após a aurora
Breve—da curta vida,
Encontrão as manhãs da primavera
E a luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha á borboleta melindrosa,
Semelha á linda flor.

Tudo se alegra e ri em torno della,
Tudo respira amor;
Que é a virgem formosa semelhante
Á borboleta e á flor.

Para estas o sol breve se esconde,
Passão prestes os dias;
Em quanto em cada aurora, em cada anno
Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS.

And dost thou ask, what secret woe
Ibear, corroding joy and youth?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe?

Byron.

I.

Quando nas horas que comtigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
Sentindo um raio d'esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
Sorvo o perfume que tua alma exhala,
Góso o sorriso que os teus labios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranhão;

Tu me perguntas por que um riso amargo,
Funebre e triste me descora os labios;
Por que uma nuvem de pesares gravida
Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angustia,
Um ai do peito, que exhalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
N'um breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
E a verde-negra superficie tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superficie amiga,
E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,
Sol bemfazejo, que te importa as fezes,
Que lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez, se a viras, encobrindo os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, d'onde amor destillas,
Breve apagáras.

Não me perguntes porque soffro triste,
Por que da morte o negro espectro invoco,
Por que, cansado desta vida, almejo
A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, qu'inda fumega em cinzas,
Do peito meu, onde cruéis travárão
Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que comtigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
Durma o passado e do porvir m'esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II.

Se algum suspiro de abafada angustia,
Se um ai do peito que exahalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra,
Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Affiz-me as dores, e só torva imagem
Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
Melhor folgára de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
Vagando em torno d'uma campa lisa,
De verte as fórmas, de escutar teus passos,
E de entender tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejasse a campa,
Dos meigos labios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgára de sentir a brisa,
Correndo em torno ao moimento meu,
E tu sósinha no sepulchro humilde,
Guardando os tristes deslumbrados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descancem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos vejão.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que hade o lethargo despertar dos mortos
Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitaráõ meus olhos:
Heide alegrar-me de te ver comigo,
E as nossas almas subiráõ reunidas
Á eterna face do juiz superno.

E deste amor por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos,
De unidos na mansão viver dos justos,
Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III.

No entanto a vida soportar já devo,
Soffrer o peso da existencia ingloria,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um echo surdo, que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
Ou como a folha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados,—uma flor que murcha,
D'uma harpa a corda, que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Praser não acho de avistar a lua
Pallida e bella na soidão do espaço;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncos
Do mar, que bate as solitarias praias;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
Ás proprias galas que vaidosa ostenta
A natureza—não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadaver dos festins do Egypto,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja ;
Pois que os teus labios para mim se abrirão,
Teus meigos labios ;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsamou-me o coração de aromas ;
Já que os praseres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi comtigo :

Já posso a vida supportar, já devo
Soffrer o peso da existencia inutil ;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO.

Son reso, non mi difendo;
Puniscimi, se vuoi!
Metastasio.

Perdoa as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ancias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
Soffrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lagrimas corressem
D'entro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus labios,
Mordel-os té que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito
Conter meu coração, que não pulsasse,
Apagado volcão, que inda fumega,
Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas
Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor que te apagaste,
Ou gota pura de crystal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Cahida em negro abysmo!

Devera pois meu pranto borrifar-te
Amigo e bemfasejo, como aljofar
De branco orvalho em perolas tornado
N'um calice de flor:

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de graniso fulminante,
Que em chão de morte as petalas viçosas
Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lyra sonorosa
Resoa como a queixosa
Trepida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos accentos,
Cuja dôr, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta
Que não andou em procura
De terrena formosura,
Nem as graças lhe notou!
Que lhe não deu sua lyra,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pesares,
Nem junto della quedou!

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino
De algum dos filhos dos céos;
E ante essa imagem creada
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da phantasia,
Accurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
É d'ella quando suspira,
É d'ella quando na lyra
Entoa um canto feliz :
D'ella acordado ou dormido,
D'ella na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
A scismada phantasia
Hade o poeta algum dia
Junto de Deos encontrar;
E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar!

ANHELO.

No lago interior d'um peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitárão,
Heide em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céo desenhão côres.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
De corrosivas lagrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei n'um beijo,
Onde as luzes do céo reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus canticos afina,
Heide a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céo sómente brilhão.

Que outra c'roa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'roa d'amor em fronte virgem?!
Não pesa sobre a fronte, não esmaga,
Não punge o coração,—é toda amores!

Que outra c'roa melhor, que outra mais bella
Que a aureola, que Deos concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez chorando,
Cede-a o vate á mulher, que mais o inspira!

Eu t'a cedo, eu t'a dou! C'rôo-te imagem
Resplendente e sagrada entre as mulheres;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exhales.

QUE ME PEDES.

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,
Um canto singelo de meigo trovar?!
Um canto fagueiro já—triste—não póde
Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora, coberto meu leito de flores,
Um canto singelo já soube trovar;
Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar;
Mas hoje, soffrendo, como heide sorrir-me,
Mas hoje, trahido, como heide cantar?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar;
A' lyra quebrada só restão gemidos,
Ao bardo trahido só resta chorar.

O CIUME.

Oh! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloquente e vivo!
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;
Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
Debalde o pranto meu repressò engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitão,
Nem pesares, nem dôres predominão;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,

Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
Sinto o praser, que me transluz no rosto,
Sinto delicias n'alma!

Quanta bellesa tens!—quer dessas graças,
Que o amor inveja—n'um sarau brilhante
No meio de bellesas, que supplantas,
Praser e galas de as mostrar resumbres;
Quer estejas sósinha e pensativa,
Quer viva e folgazã praser encites:

Ou n'um corsel em páramos desertos,
Correndo affoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afan por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
Que de um lago tranquillo as aguas frisa,
Soltando a voz ás brisas namoradas,
Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descalvada
O mar e os céos contemples pensativa,
E a redeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

És sempre bella: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
Teus labios entre-abertos sempre exhalão
Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu és, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de seda
E o bello azul dos céos triste encarando
Pensas em Deos,—talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pesares,—que na fonte
De limpha pura, cristalina e fresca
Aquatica serpente usa occultar-se.
Mas como és bella assim! co'a mão sem força
Tirando sons perdidos, sons que encantão,
Sons qu'infundem praser, sons d'harpa tristes!
Mas como és bella assim!—quando o teu peito
Entre a gaza subtil de leve ondeia!
Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
A' doce praia onde os seus ais se quebrão,
Assim teu peito bate, e nos teus labios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda sôa
Mal desfere seus sons outro instrumento;
Assim tambem minha alma se entristece,
Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo,—bem que saiba
Que se a tua alma a bellesa
Tem de um anjo a formusura,
Não tens de um anjo a candura,
Nem tens delle a singelesa!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
Do inferno crus tormentos;
Porque dos zelos o fel mancha minha alma
D'infames pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
Eu quero sentir dôr;
Quero labios que entornem nos meus labios
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, caricias tuas,
Que dão morrer!

Que importa ao edificio que scintilla,
De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignobil favilla?

É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incendio o clarão,
Sempre o amor que estúa e ferve
Como um gigante vulcão.

NUVEM DOIRADA.

(N'um Album).

A nuvem doirada se expraia no ocaso,
Roçando co'as franjas o throno de Deos;
A aguia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flor do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embace-lhe as côres,—e o mar orgulhoso
Suspira queixoso—no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitão as nuvens no incerto vagar:
Exhalão perfumes,—vão sós como as aguias,
Suspirão queixumes das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor;
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM.

A D. A. C. G. A.

I.

Que sonha a donzella,
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bem vinda
Na terra e no céo?
Que scisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,
Se lagrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimão a tez?
Que sonha a donzella,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
Que scisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dôres
D'ingratos amores,
O riso a que vem?

Semelha a donzella,
Que ri-se e que chora,
Á limpida aurora,
Que orvalha dos céos;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus angelicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos
Um suspiro se nutre, um ai se gera.
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
Á flor da vida, como rosea folha,
Que aragem branda sacudio nas aguas;
Que genio bom a magica vergasta
Em troco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos?—que celeste archanjo
Embala, agita as creações que idéas,
Como em raio do sol dourados átomos,
Com que invisivel ser brincar parece!
Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

III.

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na liquida extensão do mar salgado
Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim'brancas de neve
Rutilão d'entre as flamulas e côres,
E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulcões desmaia;
Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
De um regato sentada a branda margem,
Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,
Vês agulhas subtis cortando os céos,
E a luz do sol doirando
Rutilos tectos, altos corucheos.

Sonhas talvez palacios encantados,
Espaçosos jardins fontes de prata,
Vergeis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
Passar a facil quadra dos amores,
Tendo em laço de flores
Preso de quem mais amas peito e vida!

IV.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus mais intimos desejos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse!

V.

Nem só praseres medita,
Nem só pensa em bellas flores;
Muitas ha que almejão dores,
Como outras buscão amor:
É que as punge atra amargura,
Que o peito anceia e fatiga;
É sêde que só mitiga
Talvez afflicção maior.

Quasi gosão, quando soffrem
Um pranto cançado e lento;

Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração:
Não é martyrio de sangue,
Como nas eras passadas;
Mas ha lagrimas choradas,
Que tambem martyrio são.

Ha dores que melhor ralão
Que provas d'agua ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
N'um banquete canibal;
Que sentir no amphitheatro
As vivas carnes rasgadas,
Pelas unhas afiadas
De um fero lobo cerval.

VI.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse,
Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

VII.

Mas donde mana essa fonte
De inexplicavel ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem jámais cançar;
Essa vida toda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca se vê mingoar?

Quizera virgem donosa
Saber a origem divina
Dessa fonte perigrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos,
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Iris,
Das estrellas os fulgores,
O aroma que tem as flores,

O vago que tem o mar;
Talvez podera os mysterios,
As douradas phantasias,
As singelas alegrias
D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA.

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme um rêve,
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légérs que l'aurore souleve
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

Musset.

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exhala;
Na voz da brisa quem murmura e falla
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio véo,
Rasgado o peito por acerbas dores;
Quem murcha as flores
Do brando sonho?—Quem te pinta amores
D'um puro céo?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te acorda do celeste arroubo,
Na amenidade do silencio teu,
Quando tua alma n'outros mundos erra,—
Se alguem descerra
Ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem se afflige de te ver chorosa,
Se alguem se alegra co'um sorriso teu,
Se alguem suspira de te ver formosa
O mar e a terra a ennamorar e o céu;
Se alguem definha
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS.

Amo uns suspiros quebrados
Sobre uns labios nacarados
A gemer, a soluçar;
Como a onda bonançosa,
Que n'uma praia arenosa
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
Uns accentos de ternura,
Que trazem vida e calor;
Que se derramão a medo,
Como temendo o segredo
Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
Terna virgem que descora,
Presa d'interna afflicção;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alumia o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,
Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz quando amor jura,
Que um suspiro de ternura,
Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véo do pejo,
Mal sentido a murmurar:
É viva flor de esperança,
Que nos promette bonança,
Como a flor do nenuphar.

Mente o olhar da donzella,
Mente a voz que amor assella,
Mente o riso, mente a dor;
Mente o cançado desejo.
Só não mente o som de um beijo,
Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume:
São laço estreito de amores;
Porque são os labios flores
De que os beijos são perfume!

Beijos que são?—Ai do peito,
Sello breve, laço estreito
D'um cançado bem querer;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos labios femininos
Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são:
Sei que inspirão luz e calma,
Sei que dão remanso á alma,
Que trazem fogo a paixão.

Sei que são flor de esperança,
Que nos promettem bonança,
Como a flor do nenuphar:
Quem fruio um ledo beijo,
Ter não póde outro desejo,
Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece
Triste velho, que esmorece
Á mingoa de coração:
Viva estrella em noite escura,
Viva braza em cinza pura,
Em neve algente um vulcão

Sei que fruil-os uma hora
De ventura seductora,
É subir em vida aos céos,
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deos.

Sei que são flor de esperança,
Que nos promettem bonança,
Como a flor do nenuphar!
Quem os fruio o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA.

Antes d'espirar el dia,
Vi morir a mi esperanza.
Zarate.

Que m'importa do mundo a inclemencia
E esta vida cruel, amargada?
Des'que os olhos abri á existencia
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranquilla e fadada,
Nem um gozo me foi lenitivo;
Mas no mundo maldicto em que vivo
Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outr'ora corri descuidoso
Traz de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis:
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma que facil s'inflamma
Por virtudes, por gloria, ou por fama,
Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meus prantos
A sorrir-se p'ra mim caroavel,
Reflectindo celestes encantos,
Que era visto d'um prysma ao travez:
Hoje trevas em manto palpavel
Me circundão,—nem já por acerto
Vejo triste nos prantos que verto
Luz do céo reflectida outra vez!

Que me resta na terra?—Estas flores
Afagadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no debil hastil!
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento,—estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, sussurrantes,
Estes céos do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta qual flor resequida,
Só me resta a querida lembrança
Que o martyrio se acaba nos céos:
Foge pois, ó minha alma, da vida;
Foge, foge da vida mesquinha,
Leva a timida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deos.

Qu'estes gozos de ethereos praseres,
Que esta fonte de luz que illumina,
Que estes vagos phantasmas de seres,
Que scismando só posso enxergar;
Que os amores de essencia divina,
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que este fundo e cançado desejo,
Deos somente t'os póde fartar.

Vai assim a medrosa donzella,
Pura e casta na ingenua belleza,
Buscar luz á remota capella,
Branca cera na pallida mão:
Tudo é sombra, silencio e tristesa!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chamas o cirio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE.

Sur mon front, où peut-etre s'acheve
Un songe noir qui trop long temps dura,
Que ton regard come un astre se leve,
Soudain mon rève
Rayonnerá.

V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfructe prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas asas de um sonho mentido
Perdido—arroubado, tambem diga: amei!

Tu queres que eu sonhe!—não sabes que a vida
Me corre penosa,—que amarga por vezes
A propria illusão!
No pallido riso d'uma alma affligida,
Qu'invída—ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
Nos olhos de estranhos sympathico brilha,
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chama—revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areas fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada,—não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe!—Nas aguas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,
Se póde dormir,
As vagas cruzadas, em sustos involtas,
Ás soltas—percebe raivosas bramir.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,
Qu'entrou em seus lares!...
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces—a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe,—que alguma alegria
Dormido conheça—que frua prazeres
D'um placido amor;
Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia—seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos.—Então socegado,
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão,
D'um riso dos teus
Coberto o meo rosto,—fugira o meu fado
Quebrado—aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu for dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;
Não soffro—direi:
E ao menos na asas de um sonho mentido
Perdido—arroubado, talvez diga:—amei!—

O BAILE.

Sonemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de mañana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.
Zorrilla.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão
Nos prysmas de crystal repercutidas,
Em quanto as flores
Dos bufetes nas jarras coloridas
Acres odores
Soltão; ao mar de luzes misturando
D'innocente perfume outro mar brando

Com requebros e amor gentis donzellas,
Em riso e festa,
Medindo os passos
Aos sons da orchestra;
Pendem dos braços
Do namorado, lepido galan!
Esta risonha, aquella pensativa,
Outra menos esquiva,
Attenta as vozes, que o prazer lhe entranhão,
E á fraze cortezã,
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
Vão descuidosas,
Nos labios risos,
Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo ás bellas! o prazer começa:
Correm da taça vinhos espumosos,
Gratos licores;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,
Em cantico de amores.
Soltão mais viva luz as brancas velas,
Melhor perfume as flores.
Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!

Aqui, ali, alem, mil rostos bellos,
Da walsa ao gyro rapido se mostrão,
De gemas enastrados os cabellos;
E o peito que anhelante
Palpita entumecido
Nas ondas do prazer ebrifestante,
D'um leve colorido
Banha o semblante,
Que mais e mais co'a noite se enrubece:
Triunfo as bellas,—o prazer recresce!

Perdido entanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me innunda,
Contemplo indifferente
Quanto em redor diviso;
E entre tanto ruido e tanta gente,
Nem um sorriso
Verdadeiro, innocente!
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim:—Talvez aquella,
Que tem melhores cores,
Que mais leda se mostra,
Que mais feliz no gesto se revela,
Sente mais finas dores;

O intimo desgosto,
A febre que a devora
Lhe dá calor ao rosto,
E no silencio chora,
Presa de uma aflicção devoradora.

Uma tristesa funda, inexprimivel
O coração me anceia;
E triste e solitario n'um recanto,
Nunca mais solitario, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma ideia,
Que me avassalla a mente.
¿Que m'importa esta gente,
Estes rostos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão apreço?
Esta fingida alegria,
Esta ventura que mente,
Que será dellas ao romper do dia?
Destas virgens louçãs as mais mimosas
Mortas serão talvez antes que murchem
Do branco seio as encarnadas rosas!
Grinaldas festivaes, que a morte espalha
No lugubre terreiro;
O pó as enxovalha,
Murchas aos pés do esquallido coveiro!

DESALENTO.

Without a hope in life !
Crabbe.

Nascer, lutar, soffrer—eis toda a vida:
D'esperança e de amor um raio breve
Se mistura e confunde
Ás cruas dores d'um viver cançado,
Como raio fugaz que luz nas trevas
Para as tornar mais feias!

Da verde infancia os sonhos melindrosos,
Nobres aspirações da juventude,
Amor de gloria stulto,

Com que mais alto a mente se extasia ;
São vãos phantasmas que produz a febre,
São illusões que mentem !

São as folhas virentes arrancadas
D'um arbusto viçoso, antes que brotem
Da primavera as flores ;
A pennugem que nasce antes das asas,
Um esteril botão que não dá flores,
Ou flor que não dá fructos !

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo !
Como areas d'um paramo deserto,
Resequido, abrasado,
Provoca o teo soffrer, teo pranto espia,
Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
Nos areaes da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te ;
As setas da calumnia irão cravar-t'o
Na parte mais sensivel :
Se tens alma, se electrico palpitas
De patria e de virtude aos nomes sanctos,
Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
Exclamar delirante:
« Minha patria onde está?—Onde estes homens,
« Que a par de meos irmãos amar devera,
« Da mesma patria filhos?

« E a virtude tambem, onde heide achal-a?
« Se é mais que nome vão, onde é que existe?
« Onde é que se pratíca?
« Se os modernos Catões a graça esmolão
« Do rei—ou, cortesãos da populaça,
« Rojão por terra ignobeis!

« Se a mão do poderoso, a mão dourada
« Do crime impune—esbofeteia as faces
« Do homem vil, que a beija!
« Oh! meos irmãos não são, não são os filhos
« Desta patria, que eu amo,—torce o rosto
« De os vêr a humanidade. »

Despe-se a vida então dos seos encantos,
E o homem na lembrança revivendo
O percorrido estadio,
Tem por marcos de estrada os monumentos,

Com que os mais fortes laços se desatão,
— A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,
Sem illusões, sem fé—nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe d'abortados pensamentos
S'involve—e os olhos tesos no sepulchro
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra!—amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo:—longe serei antes do occaso!—
E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
As calumnias que passo, a dôr que soffro,
Não me ferem profundas;
Bem como a rola, que das matas desce,
E nas azas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
A só esperança que aos mortaes não falha!
Morrerei tranquillo;
Bem como a ave, ao por do sol, deitando
Debaixo d'aza a timida cabeça,
Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ.

(Traducção).

Eis que tomba da abobada celeste
O archanjo audaz, o seraphim manchado.
Desenrolando o corpo volumoso,
Despenhado precipite,—qual mundo
Dos eixos arrancado,—como um vivo
Dos céos fragmento enorme elle cahia!
Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
Donde inda os seos iguaes lançavão raios;
Cahia!—e a cerviz no espaço ardendo
As espheras dos soes de côr de sangue,
Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
Rival do credor!—te o imo peito
Pelas frechas da anáthema varado,
Como n'um turbilhão, desce rodando;
Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
E elle occulta a cabeça,
Como que procurasse
Nas entranhas da noite
Esconder seu desdoiro.

Clamavão—longe—os mundos com voz forte:
« Que insensato! onde vai? Nesse arrojado,
Frenetico voar, que vento o impelle,
Que de astro em astro vai, d'um céo em outro?
Vede como é sombrio!
Oh! quam outro que está d'aquelle archanjo
De tão bello semblante,
Lucifer radiante,
Cujo sopro era como o romper d'alva,
Que as portas da manhã nos céos abria,
Trazendo comsigo a aurora,
Que o seo alento accendia!
Acaso o reconhecestes?
Era hontem brilhante, novo e bello;
E hoje é feio e nu e descalvado,
Nas azas da tormenta balouçado,

Nas azas dos bulcões;
E os seos olhos fulminados
Já sem pupilas fumegão
Quaes crateras de vulcões! »

O archanjo os escutava, ameaçando-os
Co'o olhar fulminante;
Que cheio d'impio orgulho já sentia
Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.
Todos os astros que no espaço gyrão
Seos olhos d'irritados fascinavão;
E os astros todos de terror tremião,
Saudando a coruscante realesa.

E já os céos sem fim, estrellas, mundos
Traz delle se perderão;
E nas profundas solidões do espaço
O archanjo abandonado apenas via
A noite, e sempre a noite!
Tem medo, olha, procura....—Um astro! um astro
Transviado nos céos!—O archanjo o avista!
Estende a mão convulsa arrepellando-o;
Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
Tral-o potente ao limiar do inferno,
Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
Ao tetro boqueirão levou comsigo,
E duas vezes, como um negro abutre,
Lutando corpo a corpo, de cançaço
Sentio-se esmorecer.
Duas vezes tambem o astro victima,
Supplicando medroso, as igneas azas
Bateu, sublime grito aos céos mandando.
O nome do Senhor por duas vezes
O rebelde venceo,—elle sosinho
Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(Traducção).

Maria, porque me foges,
Porque me foges, donzella?
Minha voz! o que tem ella,
Que te faz estremecer;
Tão temivel sou acaso?
Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
Descubro d'altos coqueiros
Junto as margens dos ribeiros
A sombra tua a vagar;
Julgo vêr passar um anjo
Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto
Deslisar-se a voz, Maria,
Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meo queixoso,
Que mistura aos teos accentos,
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-t'a
Mais do que as aves cantando,
Que vem da terra voando,
Onde eu a vida provei;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realesa,
Heide perder da lembrança;
Familia, dever, vingança...
Té a vingança m'esquece,
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece!

És, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seo balançada
Por leve brisa fagueira,

No teo amante a rever-te,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes?—Do deserto
A tempestade valente
Corre as vezes de repente
Por acabar apressada
Com seo halito de fogo
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, e contrahir-se
A palma sua ao redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'roa tendo o splendor!

D'Hespaniola ó branca filha,
Teme por teo coração;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar,
E depois amplo deserto
Só poderás contemplar.

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado
Porque houveras encontrado,
Salvação no meo amor;
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas
Não, Maria, não o sei
Que d'entre as frontes humanas,
Entre as frontes soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu és branca;
Mas qu'importa? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora tambem,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que elles tem.

HAGAR NO DESERTO.

14. Surrexit itaque Abraham mane, et tollens panem et utrem aquæ, imposuit scapulæ ejus, tradiditque puerum, et demisit eam. Quæ cum abiisset, errabat in solitudine Bersabée.
15. Cumque consumpta esset aqua in utre, abjecit puerum subter unam arborum, quæ ibi erant.
26. Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus jacere: dixit enim: non videbo morientem puerum: et sedens contra, levavit vocem suam et flevit.

Genesis, Cap. 21.

Pallido o rosto e queimado
Pelo sol do Egypto ardente,
Sahia a escrava innocente
C'o o filho innocente ao lado

Da tenda patriarchal.
A pobresinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'agua
E um peito cheio de magoa!...
Vê, contempla, oh triste escrava,
Teo sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o sollicita
Piedade sancta,—de afflicta
Sem queixar-se, lhe obedece
A triste escrava do amor.
Quizera talvez detel-a...
Porém que?—Sarai lh'implora,
Deos lhe ordena:—vai-te embora,
Vai-te escrava; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes,
E n'outros pontos distantes
Combros d'areia feria,
Outr'ora leito d'um mar;
Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto

Talvez ache por acerto
Patria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta d'Hagar.

Vai, caminha; mas ao passo
Que no deserto s'entranha,
Arde o sol com furia estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os labios seos;
E ao lado o filho innocente
Soltava tristes gemidos,
Co'os olhos humedecidos
Fitando a mãi ternamente,
Que os olhos tinha nos céos!

Procura terras do Egypto;
Porém debalde as procura:
Vai a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto afflicto,
Pela inculta Bersabé.
Seo Ismael desfalece;
No deserto immenso, adusto,
Não encherga um só arbusto:
Jeovah delles s'esquece!
Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante:
Não ha sombra,—agua supplíca;
Exhaurido o vaso fica,
Pede mais d'instante a instante....
Pobre escrava, oh! quanto dó!
Podesses rasgar as veias,
Tornar aguas innocentes
Tuas lagrimas ardentes;
Mas só vês d'um lado areias,
D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,
Diz a escrava lá comsigo,
Vendo o fado seu imigo,
Meu filho morrer não veja,
Bem qu'eu tenha de morrer.
A um tiro d'arco distante
Se arrasta com lento passo,
Tomba o corpo infermo e lasso,
E amargo pranto abundante
Deixa dos olhos correr.

Deos porém ouvia a prece
Da escrava, da mãi coitada,
E da celeste morada

Librado um archanjo desce
Nas azas da compaixão.
Expira em torno ar de vida,
Um aroma deleitoso,
E n'um sonho aventuroso
Hagar seus males olvida,
Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, oh! triste escrava,
Deos senhor sobre ti vela!
Dorme e sonha:—a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.
Esquece a sorte mesquinha,
Que te vexa,—esquece tudo;
Deos senhor é teu escudo,
Já não és serva, és rainha
D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
Descobrimos incognitas paisagens,
Densas florestas, aridas planuras
E de rios caudaes virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebata,
Rasgando o veo do tempo e do infinito,
E uma scena vistosa te retrata,
Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
Nos prainos do deserto eleva as tendas,
E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
Provoca e trama asperrimas contendas.

São doze os filhos—doze reis potentes—
Com elles Ismael tudo avassalla;
É sua espada a lei das outras gentes,
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
Segue seus passos a benção divina,
Povôa-se Faran, surge d'areia
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominão: largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que opprime a cerviz mobil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Sup'rior dos heroes á grande altura,
Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
A effigie torva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia entanto, a Palestina
Á sua lei, da Persia o reino antigo;
Escutão Asia e Africa a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
Aquelle que illudido o mundo adora;
Hagar é mãi,—pela vergontea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deos implora.

Peccou; porém da gloria que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De viva resplendor a fronte inunda,
Commove o peito a misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Ainda a Europa inveja o Ismaelita;
E em frente á cruz, o pallido crescente
Apparece na grimpa da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!
Que de prantos e lagrimas vertidas!
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar; porém no sonho
Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
A espoza de Mahomet desrespeitada,
E do seu genro a dynastia inteira
Por duro asar de guerra contrastada.

Succedem-se os Omiades valentes;
Do seu ultimo rei, oh dôr! se coalha
O sangue na mesquita: entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando á bocca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristissimos revezes,
De quem sobre os tropheos exhala a vida!

Tudo é silencio e luto :—um só evita
O negro olvido,—ao templo da memoria
Voa Al-Reschid,—unindo á gloria avíta
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu visir a noite pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A gloria d'outros reis menor que as suas,
E expreita do seu povo as agras dôres!

Se ouviu a narração d'uma desgraça,
Se o pobre vê curvado a prepotencia,
Se o convidão a entrar, quando elle passa,
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho crystalino,
E, por onde passou, rescendem flores.

Mudado o sonho a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abriu d'Hespanha aos mouros;
Que poz os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Ás plantas do infiel?
De tantos males causa
Tu foste, oh rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outr'ora
Vassallo teo fiel.

Debalde o affecto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teo amor:
Qu'es godo e rei t'esqueces!
E o nobre resentido
Da offensa que ha soffrido
No teu exemplo aprende
A ser tambem traidor.

Em quanto pois devassas
Com torpes pensamentos
Os regios aposentos

Da nobre moça,—a c'roa
Te cae da fronte ao chão;
E o pai, que a affronta punge,
Turbado, ardendo em ira,
Aos pés do mouro a atira,
Que o rei, que planta o crime,
Recolhe vil traição.

Sus, oh rei, ás armas!
Empunha a larga espada,
E a fronte sombreada
Co'o negro elmo—deixa
Tingir-se em nobre pó:
D'encontro as alas densas
Do barbaro inimigo
Debalde, oh! rei Rodrigo,
Te arrojas!—vence á força,
Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando
No manto d'um soldado
O rosto demudado,
Emquanto passa o campo,
Escasso leito aos seos:
Ai! triste rei cahido!

Na solitaria ermida,
Que abriga a inutil vida,
No pó collada a fronte,
Lembra-te emfim de Deos.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, emquanto
As mãis godas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao ceo clamando estão.
Emquanto pela Iberia
O arabe audaz e forte,
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
Dos Pyrenêos as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado imperio
Do intrepido gaulez.
Debalde o grande Carlos
Oppõe-se-lhes,—que a historia
Nos traz inda á memoria
Dos tristes Roncesvalles
O misero revez.

Porém do largo imperio
De Cordova e Granada
A c'roa cahe pesada
Na fronte amollecida
Do moço Boabdil.
O fraco teme os échos
Ouvir da accesa guerra,
E perde a nobre terra
Ganhada em mil batalhas
Com pranto feminil.

Depois inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mas é um ponto escuro,
São formas vagas, postas
Em duvidosa luz.
Já naves são, já hostes,
Tropel de varia gente,
Que parte do occidente,
Em cujos peitos brilha
De Christo a roxa cruz.

Hagar emfim acorda!
Sustendo o filho caro
Pelo deserto avaro
S'entranha novamente,

Mais solto o coração.
Parece que já sente
No rosto ao bello infante
A gloria radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deos lhe ha dito,
Seus filhos são guerreiros,
Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prelios movem:
Temidos são; porém
As filhas desses bravos
Da vida sequestradas
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deos Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo
Deos Senhor é teu escudo:
—Já não és serva, és rainha
D'outro reino Israel.

HYMNOS.

I.

O MEU SEPULCHRO.

Éleve-toi, mon ame, au dessus de toi même,
Voici l'épreuve de ta foi !
Que l'impie, assistant à ton heure supreme,
Ne dise pas : Voyez, il tremble comme moi !

Lamartine—Harmonies.

Quando os olhos cerrando á luz da vida
O extremo adeus soltar ás esperanças,
Que na terra nos guião, nos confortão
E espação do porvir a senda estreita ;
Quando, isento de miseros cuidados,
Disser adeus ás illusões douradas,
Mas com ellas tambem as dores cruas

Da existencia—aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das cores, das magias,
Que a natureza prodiga derrama
No regaço da terra—mais ditoso
Serei acaso então?—Quando o meu corpo
Á terra, nossa mãi, pedindo abrigo
Dos sepulchros no valle em paz descance,
Hei de ser mais feliz porque m'o cobre
Pomposo mausoleu, em vez da pedra
Sem nome,—em vez do tumulo de cespedes,
Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
Ao que ali passa uma oração supplíca?
Não!—ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanço aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol endurecidos.
Como o trabalhador que a sésta aguarda,
O meu termo fatal sem medo espero!
Eu então pedirei silencio á morte,
E fresca sombra á sepultura humilde,
Que me receba,—e á cuja superficie
Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
Que a mão d'habil artista me não talhe

Mentiroso epitaphio em preto marmor!
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sobre a campa
De um corpo transitorio, acaso empece
Aos que ali pascem, vermes esfaimados
De roerem-lhe as visceras?!—Solemnes
São da campa os mysterios; mas terrivel
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços differentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dor os homens soffrem:
Tão depressa o cadaver se corrompe
Nas amplas dobras do velludo involto,
Como embrulhado na mortalha exigua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulchros venerando,
Lança do pobre aos restos despresados.

Os felizes do mundo acobardados
Ante a imagem da morte, que os assalta,
Temem deixar a terra, onde tranquilla,
Quasi livre de dor, entre delicias,
Como um rio caudal lhes corre a vida.
Horrorisão-se timidos,—supplicão
Á cruel, que os não leve, que os não roube
Á senda matisada, onde os seus passos

Deslisão-se macios—ás caricias
D'um seio que lhes presta brando encosto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os lios
De enrediça tenaz prendida á copa
D'uma arvore comida: amedrontados,
Como das fauces negras d'um abysmo,
Do pavoroso tumulo recuão.

Mas eu que vago solto, como a folha,
Como o fumo subtil, que não limito
Nos terminos da terra os meus desejos,
Folgo de vêr os renques dos sepulchros
No chão da morte largamente esparsos!
Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
Contempla á beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas,—e saudoso
Da patria sua tão distante—as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual d'aquellas será que o leve e atire,
Naufrago embora e semimorto, ás praias;
Porque chorão seus olhos.—No desterro
Me contemplo tambem,—como elle, choro
A patria, o iman dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos:
Um só delles da morte me separe!..

E esse passo andarei, como quem pisa,
Depois de viajar remotos climas,
O patrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infancia,
Bebe de novo, e de as gosar se applaude.

Hora do passamento! és da existencia
O momento mais sancto, o mais solemne:
Assim o rubro sol, quando no occaso
Em turbilhões de purpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudoso, extremo adeos á terra envia.
Tal o esposo se aparta suspiroso
E nas azas da brisa manda um beijo
Á esposa, que de o ver partir se enluta,
Rolà que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
Dir-te-hei: bem vinda!—ó morte, quando os olhos
Voltar atraz na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O carcere medonho, onde engastada
Nas escarnas da dor gemeu sua alma
Largos annos de antigo soffrimento,
Esse carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
Das humidas paredes, cujos echos

Inda parecem na soidão da noite
Repetir seus tristissimos accentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate as portas do infinito,
Encostado aos umbraes da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já mirrada, a pedra solta,
A flor agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céo, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra,
A planta, os animaes, tudo então vive,
Tudo comnosco sympathisa,—tudo,
Como orchestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida.
Dali melhor compr'hende-se a existencia,
Mais vasta p'respectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejão:
E as scenas que a illusão junca de flores,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cubiçoso, irisante,—que a esperança
Fugaz de varios modos nos matisa;
Gloria ambição, prazer, fallaz ventura,

Tudo se olvida e apaga—semilhante
Á fugitiva estrella ou clarão breve
D'um relampago estivo, que um momento
Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'roa
Um myrrado laurel, uma só folha,
Que ás novas gerações diga o meu nome
E sollicite as attenções futuras?
Sou como o passarinho, quando passa
Á flor de um lago e a sombra vacillante
No liquido crystal debalde estampa.
Ou semilhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não dóe a ausencia!
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde,—á cujas gotas
Meus ossos de prazer estremecidos
De as sentir se alegrassem...—mas em troco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lagrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem
A agreste flor, que a natureza obriga
A despontar na solitaria campa.

Ninguem virá com titubantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo; e em falta de epitaphio,
« Elle aqui jaz! » o coração lhe diga,
E ali se curve então, fundos suspiros
Dando aos échos do funebre recinto,
Involtos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguem virá; porém tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sobre a terra alguma offensa,
Se alguma vida exarcebei, se acaso
Alguma simples flor trilhei passando;
Essas, depois d'eu morto, convertidos
Os odios em piedade.—« Em paz descança »
Dirão ante o meu tumulo, e voltando
A um lado o rosto,—deixaráõ dos olhos
Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
Na tua sancta gloria: alarga as azas
Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, oh! Senhor,—bem como o filho
Que ao sopro das paixões soltando as velas

Da juventude ardente, foge ao tecto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
Consumido o thesouro da innocencia,
Com rubor dos andrajos da pobreza,
Que o vexa,—para ver do pai o rosto,
Para escutar-lhe a voz, embora tenha
Sobre a cabeça a maldição pendente.

II.

A HARMONIA.

Os cantos cantados
Na eterna cidade
A só potestade
Da terra e dos céos;
São ledos concertos
D'infinda alegria;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deos
—Quem ouve?—Os archanjos,
Que ao rei dos senhores
Entoão louvores,
Que vivem de amar.

II.

E o gyro perenne
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver;
Do cáhos medonho
A triste harmonia,
Da noite sombria
No eterno jazer,
—Quem ouve?—Os archanjos
Que os astros regulão,
Que as notas modulão
Do eterno gyrar.

III.

E as aves trinando,
E as féras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror;
Tambem são concertos
Mas esses rugidos

E tristes gemidos
E incerto rumor;
—Quem ouve?—O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lyra
Mais doce cantar.

IV.

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado
Sem rumo a vagar,
Tambem são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
—Quem sabe?—O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

V.

E os meigos accentos
D'uma alma afinada

E a voz repassada
D'interno chorar;
Tambem são concertos
Mas essa harmonia,
Que Deos nos envia
No alheio penar,
Quem sente?—Quem soffre,
Que a dor embriga
Que triste se paga
D'interno pezar.

VI.

Se a meiga harmonia
Do ceo vem á terra,
Um cantico encerra
De gloria e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
São timidas queixas,
Que afflictas murmurão,
Que o throno procurão
Do seu creador.

III.

A TEMPESTADE.

Quem porfiar comtigo.... ousara
Da gloria o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?
A. Herculano.

Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;
E tremulo
E puro

Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se cora
De carmim;
A seus raios
As estrellas,
Que erão bellas,
Tem desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
La no horisonte,
Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céo e o mar;
E um manto bello
De vivas côres
Adorna as flores,
Que entre verdores
Se vê brilhar.

Um ponto apparece,
Que o dia entristece,
O céo, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vêde a procella
Infrene, mas bella,
No ar s'encapella
Já prompta a rugir!

Não sólta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então lusente
Se agita do arvoredo,
E o vate um canto a medo
Desfere lentamente,
Sentindo oppresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens auri-nevadas,
Como ovelhas assustadas

D'um fero lobo cerval;
Estilhão-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitaneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emmaranha,—salgadas
As ondas s'estanhão, pesadas
Batendo no frouxo arcal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céo entre-abertas,
Que mudas fuzilão,— incertas
Fantasmas do genio do mal!

E no turgido occaso se avista
Entre a cinza que o céo apolvilha,
Um clarão momentaneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio scintilla e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual sentelha que em rapido instante
Se converte d'incendios em mar.

Um som longinquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;

Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atrôa; e d'entro em pouco
Do Norte ao Sul,—d'um ponto a outro corre:
Devorador incendio alastra os ares,
Em quanto a noite pesa sobre os mares.

Nos ultimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteião, rebramão, doudejão nos ares,
Até que lascados baqueião no chão.

Remeche-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, tolda, baqueia tambem;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas azas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E em quanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece á terra estar collado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,

O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruinas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco n'um rapido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugio.
Mas se á terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partio.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastigios sem dó;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palacio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupára,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobres regatos s'empolão,
E nas turvas ondas rolão

Grossos troncos a boiar!
O corrego, qu'inda ha pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ah! do desditoso,
Que vio crescer a enchente
E desce descuidoso
Ao valle, quando sente
Crescer d'um lado e d'outro
O mar da alluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tectos arrasados,
Inteiros, fluctuantes,
Dão antes crua morte,
Que asylo e protecção!

Porém no occidente
S'ergueu de repente
O arco luzente,
De Deos o pharol;
Succedem-se as cores,
Qu'imitão as flores,

Que sembrão primores
D'um novo arrebol.

Nas aguas pousa;
E a base viva
De luz esquiva,
E a curva altiva
Sublima ao ceo;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado
Quasi apagado,
Como embotado
De tenue véo.

Tal a chuva
Transparece,
Quando desce
E ainda vê-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que n'uma hora
Ri-se e cora,
Depois chora
E torna a rir.

A folha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retrae:
Vacilla,
Palpita;
Mais grossa,
Hesita,
E treme
E cahe.

SAUDADES.

A MINHA IRMÃ

J. A. de M.

I.

Eras criança ainda; mas teu rosto
De vêr-me ao lado teu se espanejava
Á luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos
De uma brandura angelica, indisivel,
De sympathicas lagrimas turbavão-se
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste,

E amigo refrigerio me sopravão,
Um balsamo divino sobre as chagas,
Do coração, que a dor me espedaçava!
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a innocencia adornão,
Os infantís requebros, as meiguices
De uma alma ingenua e pura—em ti brilhavão.
Eu, gasto pela dor antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infancia,
Remoçava de ver teu rosto bello.
Pouco era vel-o!—em ti me transformava;
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia:
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua innocencia, tuas graças minhas:
Não, não era ditoso em taes momentos,
Mas de que era infeliz me deslembrava!

Tinhas sobre mim poder immenso,
Indisivel condão, e o não sabias!
Assim da tarde a brisa corre á terra,
Embalsamando o ar e o céo de aromas;
Enreda-se entre flores suspirosa,
Geme entre as flores que o luar prateia,

E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga—quantas magoas alivia!
Assim durante a noite o passarinho
Em moita de jasmins derrama occulto
Merencorias canções nos mansos ares;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lagrimas, arranca!

II.

Perderão-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes luctuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Annuncio triste foi de uma desdita,
Qual jámais sentirás: teus tenros annos
Pouparão-te essa dor, que não tem nome.
De quando sobre as bordas de um sepulchro
Anceia um filho,—e nas feições queridas
D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
O sello eterno vai gravando a morte!
Escutei suas ultimas palavras,
Repassado de dor!—junto ao seu leito,
De joelhos, em lagrimas banhado,
Recebi os seus ultimos suspiros.
E a luz funerea e triste que lançarão

Seus olhos turvos ao partir da vida
De pallido clarão cobrio meu rosto,
No meu amargo pranto reflectindo
O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
Flor que sorrias ao nascer da aurora
No denso musgo dos teus verdes annos,
A procella imminente presentiste,
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
Da noite o puro aljofar derramaste.

III.

O encanto se quebrára!—duros fados
Inda outra vez de ti me separavão.
Assim dois ramos verdes juntos crescem
N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
Lascado o mais robusto cahe sem graça
De rojo sobre o chão, em quanto o outro
Da primavera as galas pavoneia!
Já não ha quem de novo unil-os possa,
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci,—áquelles
De quem máo grado, a ausencia, o tempo, a morte
E a incerteza cruel do meu destino
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancolicas da tarde,
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,
Rugia indomito a meus pés: sorvia
No fragor da procella os meus soluços:
Vago triste e sosinho sobre os mares,
—Dizia eu entre mim,—na companhia
De crestados, de rispidos marujos,
Mais duros que o seu concavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitaneo tufão arrebatou-me,

Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jámais casarei doces gorgeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porém a branca angelica mimosa,
Com seu candor enamorando as aguas,
Florece ás margens do meu patrio rio.

IV.

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inhospitos e duros
Interpoz-se entre nós! —Ao ver nublado
Um céo d'inverno e as arvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramados pelos valles
Triste oliveira, ou funebre cypreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lagrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,
Invejando-lhe os vôos!—procuravão,
Como eu tambem nos sonhos que mentião,
A terra que um sol calido vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos.
Patria da luz, das flores!—nunca eu veja

O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua involta em nuvens densas,
Luzindo mortuaria sobre os campos
De frios sues queimados.—Ai! dizia,
Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
Qual destroço de misero naufragio,
A longinqua e remota plaga arroja!
Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
Corta nas asas do desejo o espaço,
Em quanto a realidade o vexa entorno
E oppresso o coração de dor estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descance?
Que arbusto hade prestar-lhe grata sombra
E olentes flores derramar co'a brisa
Na fronte encandecida? Peregrino,
Fere o peito de encontro aos espinheiros!
Insensivel a dor, na sua marcha,
Não, não attende ao termo da jornada;
Mas volta atraz o rosto,—e entre as sombras
Confusas do horisonte—encherga apenas
O debil fio da esperança teso,
E da ingrata distancia adelgaçado!

E todavia amei! pude um momento
Vêr perto a doce imagem debruçada
Nas aguas do Mondego,—ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
Que entre os seus salgueiraes morão loquaces!
Foi um momento só!—talvez agora
Nas mesmas aguas se repete imagem
Dos meus sonhos de então!—talvez a brisa,
Nas folhas dos salgueiros murmurando,
Meu nome junto ao seu repete aos echos,
Que eu triste e longe della escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
Meu sangue requeimado ao sol dos tropicos
Em vivas labaredas conflagrou-se.
Feliz n'aquelle incendio ardeo minha alma,
Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro
A soltar, a romper tão doces laços
Não podera dizert'o, em que o quizesse.
Tão louco estava então,—dores tão cruas,
Magoas tantas depois me acabrunharão,
Que desse meu passado extincta a idéa,
Deixou-me apenas um soffrer confuso,

Como quem de um máo sonho se recorda!
Assim depois de arder um denso bosque
Dos ventos a mercê revôa a cinza
N'um paramo deserto! Nada resta;
Nem se quer a vereda solitaria,
A cuja extremidade o amor velava!

V.

Rotos na infancia os laços de familia,
Os fados me vedavão reatal-os,
Ter a meu lado uma consorte amada,
Rever-me na affeição dos filhos caros,
Viver nelles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;
Mas ao menos,—pensava,—ser-me-ha dado
Amimar e suster nos meus joelhos
Da minha irmã querida a tenra prole,
Inclinal-a a piedade,—e ao relatar-lhe
Os successos da minha vida errante,
Innocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
Essa mesma esperança não me illude;
Ave educada nas floridas selvas,
Um tufão me expellio do patrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos

Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes,—nem longe delle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E pôr do sol dos meus cançados annos.

NOTAS.

Tinha eu podido conseguir do Sr. D. Carlos Guido que me escrevesse um prologo para a presente collecção de poesias. A rapidez com que me vejo forçado a concluir a sua impressão, obriga-me a não publical-o por agora. É para mim uma perda, para o Sr. Guido uma simples demora. Trabalhos como este, ainda que, por serem retardados, alguma cousa possão perder de novidade e de opportunidade, tem comtudo tal merecimento intrinseco, que pouco desmerecem com o tempo.

POESIAS AMERICANAS.

O GIGANTE DE PEDRA.

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de —frade de pedra,—que agora se chama o gigante de pedra.—Áquelle objecto se fez esta poesia.

.....extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

Tamoyos erão os primeiros habitantes do Rio. —*Pagés* erão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brasil—os mesmos a que nos « Primeiros Cantos » dei o nome de piagas. Eis o que n'aquella obra escrevi a este respeito.—« Piagé—Piache—Piaye ou Piaga que mais se conforma á nossa pronuncia era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brasil e de outras partes da America. E em outra nota accrescentei: « Erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciato, ainda mais rigido que a sua vida, erão elles um objecto de culto e de respeito para todos; —erão os dominadores dos chefes—a balisa formidavel, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido—entre a tão exigua sciencia d'aquelles homens, e a tão desejada revela-

ção dos espiritos. »— Hans Staden escreve *Paygi; Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua « Descripção das Indias occidentaes. » Lery e Damião de Goes escrevem *Pagé*, orthographia que agora adoptamos.

Sons do murmuré.

Murémuré escreve o padre Vasconcellos nas suas « Noticias curiosas: » collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida.

Guanabara—a enseada do Rio de Janeiro. —Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra « – *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*—» *en ceste riviere de Ganabara.* Southey (*History of Brasil)* accrescenta em uma nota, que Nicolau Barré dátava desta maneira as suas cartas.—*Ad flumen Genabara in Brasilia &c.*

Os cantos da victoria
Tangidos no boré.

Boré—era um instrumento de guerra.

E das ygaras concavas.

Ygaras—erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

O Guau cadente e vario.

Guau—dansa « São mui dados a saltar e dansar de differentes modos, a que chamão *guau* em geral. »—Vasconcellos. Noticias Curiosas. L. 1.° n. 143.

OS CANTOS DA JANUBIA.

Janubia. — Lery escreve diversamente: – *des cornets, qu'ils nomment inubia de la grossuer et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'environ un demi picd comme un hautbois.*—*Obra* cit. pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertarão.

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux pag 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, com quanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby.* Quanto a arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author— (pag. 103). *Pour la fin de leurs equippages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye : le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez &c.*

Y JUCA-PYRAMA.

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos —o que hade ser morto.—

No meio das tabas.

Taba—aldeia de indios, composta de differentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

São todos Tymbiras.

Tymbiras—tapuyas que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.

A descripção das cerimonias com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra é rigorosamente exacta, ainda

que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden—cap. 28—dos usos e costumes dos Tupinambás.—Noticia do Brasil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 128 e Lery cap. XV.

Brilhante enduape no corpo lhe cingem.

Enduape—fraldão de pennas de que se servião os guerreiros: damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres. « *Ils font avec de plumes d'autruches, une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont á quelque grande fête: ils le nomment enduap. H. Staden.* pag. 270. » Vasconcellos trata do *enduape* sem lhe dar nome algum especial. « Pela cintura apertão uma larga zona: desta pende até os jelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapeo de sol.—Noticias Curiosas L. 1. n. 129. »

Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

Kanitar—é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade d'importancia igual a esta. « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un boquet de plumes rouges qu'ils nomment Kannittare* (H. Staden).»—Usão de umas coroas a que chamão—*acangbetar* (Laet.) Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer—enfeite ou ornato da cabeça.

Entesa-se a corda da embira....

Chamava-se mussurana á corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une longue corde nommée* massarana, *avec laquelle ils les attachent* (les captifs) *quand ils doivent être assomés.* » (H. STADEN, pag. 300). *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita de algodão. É possivel que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convém notar que na maior parte dellas usava-se fabricar cordas de embira.

Adorna-se a massa com pennas gentis.

A massa do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho— embagadura, como o chamavão—com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de cores differentes, sendo a folha ornada de mosaicos.—« Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a massa do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passão-lhe por cima uma materia viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa (acauam?)* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a massa. Preparada a iverapeme, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite. » — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes cores. Vasconcellos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do diccionario brasiliano.

MARABÁ.

Encontrámos na « Chronica da Companhia » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão — marabá — que quer dizer de mistura (aborrecivel entre esta gente). » VASCONCELLOS.—Ch. da Comp., L. 3, n.° 27.

Formosos como um beija-flor.

Os indigenas chamavão ao beija-flor — Coaracy-aba — raios, ou mais litteralmente — cabellos do sol. Convém saber-se esta particularidade para bem entender-se a comparação.

A MÃE D'AGUA.

A mãe d'agua é uma naiada moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brasil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguem que a escute resiste á tentação de se atirar as aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmas perfeitas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

POESIAS DIVERSAS.

QUE ME PEDES.

Data esta composição de 9 de março de 1849.

A INFANCIA.

Esta poesia, impressa em um dos numeros do *Jornal do Commercio* de 1848, foi dedicada a Mlle. J. Picot. Havendo-me descuidado de escrever o seu nome no corpo da obra, aproveito-me desta occasião para reparar um esquecimento.

Igual descuido tive deixando de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo—Retractação. Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os « Segundos Cantos », recebi uma carta do Sr. Guido: era uma critica, mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretenção alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal,—joven enthusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2.° volume, accrescentava elle:

« Dir-se-hia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystalisadas, agradaveis de se vêr, porque são prysmas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas cores; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante.

« Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade, de que usou para com ella. »

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança: perdi ha muito o authographo dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo; inda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenhão de ser realisados nunca!

INDICE

DAS

POESIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

Dedicatoria ..... pag. IV.

POESIAS AMERICANAS.

O Gigante de pedra 1
Leito de folhas verdes 9
Y-juca-pyrama 12
Marabá 36
Canção do Tamoyo 39
A Mangueira 44
A mãe d'agua 47

POESIAS DIVERSAS

Nenia — á morte sentidissima do serenissimo principe imperial, o Sr. D. Pedro..... 61
Olhos verdes..... 68
Cumprimento de um voto..... 71
Lyra quebrada..... 75
A Pastora..... 78
A Infancia..... 83
Urge o tempo..... 89
Sobre o tumulo de um menino..... 91
Menina e moça..... 92
Como eu te amo..... 95
As duas coroas..... 100
Harpejos..... 104
Triste do Trovador..... 108
Velhice e mocidade..... 111
As flores..... 120
O que mais dóe na vida..... 125
Flor de bellesa..... 128
O anjo da harmonia..... 131
A Historia..... 134
A concha e a virgem..... 137
Analia — poemeto..... 139
Sei amar..... 153
Amanhã..... 156
Por um ai..... 158
Protesto—(Imitação de uma poesia javanesa)..... 162
Cachias..... 165
Fadario..... 169
O assassino..... 173
A uns annos..... 177
Quando nas horas..... 179
Retractação..... 186

Anhelo..... 190
Que me pedes..... 192
O Ciume..... 194
A nuvem doirada..... 199
Sonho de Virgem..... 201
Meu anjo, escuta..... 209
Os beijos..... 211
Desesperança..... 215
Se queres que eu sonhe..... 218
O baile..... 221
Desalento..... 225
A queda de Satanaz..... 230
Canção de Bug-Jargal..... 234
Hagar no deserto..... 238

HYMNOS.

I. O meu sepulchro..... 255
II. A Harmonia..... 264
III. A Tempestade..... 268
Saudades..... 277
Notas..... 287

TYP. IMP. DE PAULA BRITO—1851.

HW 7TTE %

HARVARD UNIVERSITY
WIDENER LIBRARY

225